

OLIMPO

DIRETOR JOSÉ MANUEL CONSTANTINO

TRIMESTRAL · DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

SAMEIRO ARAÚJO
EM ENTREVISTA

PORTUGAL BRILHOU
EM BUENOS AIRES 2018

CELEBRAÇÃO OLÍMPICA DISTINGUE **OS MELHORES** **DE 2018**



COMITÉ OLÍMPICO
DE PORTUGAL



SAÚDE[®] PRIME

Saúde para todos

Tenha a saúde de um campeão! **TENHA SAÚDE PRIME.**

No âmbito do projecto de responsabilidade social do Comité Olímpico de Portugal, a Saúde Prime garante Planos de Saúde a todos os atletas olímpicos.

A meta é promover a Saúde dos nossos atletas.

Para saber como usufruir desta oferta de saúde, contacte a linha de apoio: 707 308 283

NAIDE GOMES | Campeã do Mundo de Salto em Comprimento

OLIMPO

EDITORIAL

É hora de balanço

5

NOTÍCIAS

6

OPINIÃO

**Paulo Félix,
Selecionador nacional
de Andebol de praia**

10

EM FOCO



Celebração Olímpica distingue os melhores do desporto português em 2018

12

ENTREVISTA



Sameiro Araújo

16

GRANDES EVENTOS

Portugal com os melhores resultados de sempre nos Jogos Olímpicos da Juventude

22

ELITE

Filipe Reis

28

NO PÓDIO

Sílvia Saiote

29

CONVERSA DE BALNEÁRIO

Dina Pedro

30

OS MEUS JOGOS

João Brenha

32

FORA DE CAMPO

Manuel Serrão

33

OLIMPO PROPRIEDADE E EDIÇÃO Comité Olímpico de Portugal

NIPC 501 498 958 · SEDE E REDAÇÃO Travessa da Memória, 36 · 1300-403 Lisboa · Tel.: 21 361 72 60 · Fax: 21 363 69 67
 correio@comiteolimpicoportugal.pt · www.comiteolimpicoportugal.pt

DIRETOR José Manuel Constantino DIRETOR EXECUTIVO António Varela TEXTOS Pedro Moreira e Martim Ramôa

FOTOS IOC, COP, Lusa, ShootHappens DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA Estrelas de Papel / Atelier Gráficos à Lapa

IMPRESSÃO Raínho & Neves, Lda. – Rua do Souto, 8 | 4520-612 São João de Ver TIRAGEM 1 000 exemplares

PERIODICIDADE Trimestral NÚMERO DE REGISTO ERC 102 203 DEPÓSITO LEGAL 9083/95 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ESTATUTO EDITORIAL DISPONÍVEL EM <http://comiteolimpicoportugal.pt/wp-content/uploads/2017/12/ESTATUTO-EDITORIAL-da-Revista-OLIMPO.pdf>



PARCEIRO OFICIAL
PROGRAMA DE RESPONSABILIDADE SOCIAL | EDUCAÇÃO

Mais longe na formação, mais alto nas ambições, mais fortes para a vida.

Apostamos na formação académica dos nossos atletas.

Os Jogos Santa Casa orgulham-se de ser o Parceiro Oficial do Programa de Responsabilidade Social do Comité Olímpico de Portugal para a Educação. Através de um programa anual de concessão de bolsas de estudo aos atletas olímpicos nacionais, acreditamos que a sua formação académica e empenho escolar, aliados ao mérito e talento desportivos, serão fatores determinantes para o sucesso das suas carreiras profissionais futuras e para a realização dos seus sonhos!

Jogos Santa Casa e Comité Olímpico de Portugal: uma aposta no futuro.



É hora de balanço

O ANO QUE AGORA TERMINA permitiu alcançar um conjunto muito significativo de objetivos.

Uma aspiração de décadas concretizou-se nos Jogos de Tarragona permitindo ter hoje Portugal integrado como membro de pleno direito do Comité Internacional dos Jogos do Mediterrâneo e da agenda deste comité comprometido em promover o desporto como fator de desenvolvimento social e humano para abordar os conflitos emergentes nesta região, como se deu conta no seminário que levou a cabo em Oeiras no mês de novembro.

Tivemos também o privilégio de, pela primeira vez em eventos olímpicos, ver representações nacionais de modalidades coletivas subirem ao pódio, casos do futsal feminino (medalha de ouro) e do andebol de praia masculino (medalha de prata) nos Jogos Olímpicos da Juventude de Buenos Aires.

A missão portuguesa que esteve presente nos Jogos Olímpicos de Inverno em PyeongChang, na Coreia do Sul, teve um honroso comportamento no plano institucional e desportivo.

No plano institucional importa também destacar a atribuição ao COP da presidência de uma comissão dos Comités Olímpicos Europeus e a presença em várias outras comissões, mas também em grupos de trabalho do Comité Olímpico Internacional, do Conselho da Europa e de outras entidades de referência internacional em matérias da maior importância para o futuro do Olimpismo, como sejam a integridade, a boa governação ou o abuso sexual no desporto.

Na história do movimento olímpico nacional nunca Portugal teve tantos compatriotas eleitos ou designados em instâncias desportivas internacionais do Movimento Olímpico.

O Programa de Educação Olímpica do Comité Olímpico de Portugal chegou a 159 escolas, formou 397 professores, desenvolveu 271 atividades e atingiu cerca de 52.000 crianças, cobrindo todo o território nacional, do Continente às regiões autónomas da Madeira e dos Açores.

O Programa de Integridade e de Boa Governação envolveu mais de meia centena

de organizações desportivas com ações realizadas junto de atletas, treinadores, dirigentes, árbitros e encarregados de educação. Exemplos que nos inspiram a capacitar gerações vindouras com outros níveis de exigência e literacia desportiva, e bem assim uma opinião pública mais informada e rigorosa perante o desempenho dos agentes e organizações desportivas.

O Programa de Preparação Olímpica Tóquio 2020 conheceu significativos desenvolvimentos no plano do financiamento e nas suas diferentes variantes de apoio à preparação desportiva dos nossos atletas.

O Programa de apoio a cidadãos refugiados continuou em desenvolvimento e obteve, recentemente, um importante suporte à sua sustentabilidade por parte da Comissão Europeia.

A Comissão de Atletas Olímpicos reforçou a sua capacidade de intervenção e foi responsável por um alargado leque de iniciativas no plano nacional e internacional.

Portugal acolheu vários eventos no âmbito de organizações internacionais em que está envolvido, com destaque para o seminário do Comité Internacional dos Jogos do Mediterrâneo e já, no último mês do ano, a Convenção Mundial do MEMOS.

No domínio da política desportiva e da governação pública o Comité Olímpico de Portugal manteve uma significativa cooperação com o Governo em matérias como a segurança no desporto, a dopagem, a composição e funcionamento do Conselho Nacional de Desporto e a fiscalidade.

É nossa obrigação cuidar do futuro comum do desporto, tão vulnerável a ameaças que mancham inapelavelmente a credibilidade e os valores que muitos se orgulham de professar, mas nem todos põem em prática.

Num país onde o desporto persiste secundarizado na afirmação do seu potencial social, cultural e educativo, e num contexto mediático que se alimenta de casos sem encontrar espaço para promover causas, temos a obrigação de dar destaque a boas práticas e exemplos de sucesso no âmbito da nossa atividade e dos nossos compromissos.

Foi isso que fizemos!



É nossa obrigação cuidar do futuro comum do desporto, tão vulnerável a ameaças que mancham inapelavelmente a credibilidade e os valores que muitos se orgulham de professar, mas nem todos põem em prática



MEMOS CONVENTION APONTOU CAMINHOS PARA UM MELHOR DESPORTO

Cascais acolheu a II MEMOS Convention, encontro de atuais e ex-alunos do mestrado executivo em gestão de organizações desportivas patrocinado pela Solidariedade Olímpica, com o envolvimento de 16 universidades. O evento teve a organização do Comité Olímpico de Portugal (COP) em colaboração com a MEMOS Association, e contou com a Câmara Municipal de Cascais e a Toyota como parceiros locais. O COP assumiu a responsabilidade da organização e o presidente José Manuel Constantino sublinhou, na sessão de abertura, a importância que a formação tem no desenvolvimento das qualificações de dirigentes e gestores, que é o objetivo final do MEMOS: “Se o desporto deve estar ao serviço do desenvolvimento humano como defendia Pierre de Coubertin e a carta olímpica acolhe, então a governação do desporto não pode viver apenas da obsessão pelo resultado desportivo e descurar a credibilidade, a integridade e a democraticidade das suas organizações, inscritas como prioridades estratégicas na Agenda Olímpica 2020.”

FÓRUM DA “SIGA” APELA À MUDANÇA

A necessidade das organizações desportivas salvaguardarem a sua integridade e promoverem mudanças na governação foi um dos temas realçado por Michael Moller, diretor-geral das Nações Unidas em Genebra, no IV Fórum sobre Integridade no Desporto promovido pela Sport Integrity Global Alliance (SIGA). O representante da ONU realçou o inestimável poder do desporto no desenvolvimento social e humano, desafiando as organizações desportivas a colaborarem com as Nações Unidas. O diretor-geral do Comité Olímpico de Portugal, João Paulo Almeida, sublinhou o trabalho desenvolvido pelo COP relativamente às ameaças que se colocam à integridade no desporto através da manipulação de resultados. Neste simpósio foram equacionados os desafios que se colocam ao mercado global das apostas desportivas e à proteção da integridade das competições com a abertura do mercado dos Estados Unidos após decisão do Supremo Tribunal em declarar institucional a lei que impedia a oferta de apostas desportivas nos EUA.

RECONHECIMENTO FACIAL EM TÓQUIO 2020

O Japão é reconhecido por grandes inovações tecnológicas e a menos de dois anos para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos em Tóquio anunciou que será utilizado um sistema de reconhecimento facial no acesso dos atletas e pessoas acreditadas aos recintos. Esta tecnologia cruza a identidade do portador da acreditação com uma fotografia pré-gravada no chip que se encontra no cartão de acesso. O reconhecimento é feito em apenas 0,3 segundos e procura evitar entradas fraudulentas, bem como garantir a segurança dos atletas. Este sistema foi testado pela primeira vez nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, nas instalações utilizadas pelos meios de comunicação japoneses.



SERGIU OLEINIC E FILIPE JESUS TITULARES DO “MEMOS”

Sergiu Oleinic e Filipe Jesus são, em Portugal, os mais recentes titulares do Mestrado Executivo em Organizações Desportivas (MEMOS) promovido pela Solidariedade Olímpica (versão em espanhol), depois de ambos terem feito a apresentação das suas teses, primeiro para o júri e depois numa sessão pública que decorreu no Museu Olímpico em Lausanne, Suíça.

O trabalho de Filipe Jesus, membro do Departamento de Missões e Preparação Olímpica do Comité Olímpico de Portugal, foi desenvolvido sobre um novo modelo de preparação olímpica para os Jogos de Paris 2024 e Los Angeles 2028, tendo como um dos principais instrumentos de investigação a realização de entrevistas a presidentes de Federações e questionários a Atletas e Treinadores, para além da avaliação de modelos de preparação de diversos países europeus. O atleta olímpico Sergiu Oleinic dedicou o seu trabalho ao estudo da potencialização e da internacionalização do CAR Jamor como centro de alto rendimento do Judo.

COP EM FORMAÇÃO NO COMITÉ OLÍMPICO DE MOÇAMBIQUE

Arbitragem, fisioterapia e marketing foram as áreas de formação promovidas pelo Comité Olímpico de Moçambique (COM) com o apoio do Comité Olímpico de Portugal (COP). As sessões iniciaram-se com “Arbitragem no Andebol”, promovida por António Marreiros, Presidente do Conselho de Arbitragem da Federação de Andebol de Portugal. Durante dois dias, foram abordadas as regras de jogo, técnica de arbitragem e o treino prático em pavilhão. Com 25 profissionais, a formação em fisioterapia foi dirigida por Rafael Assunção. A ação teve uma forte componente prática, tendo sido abordados temas como o acompanhamento de atletas de alta competição, o síndrome doloroso patelo femoral, concussão cerebral, a lesão do ligamento cruzado anterior, casos clínicos e ligaduras funcionais, exame subjetivo e objetivo do complexo articular do ombro. A formação em marketing desportivo, dirigida por Pedro Sequeira Ribeiro, diretor de marketing do COP, abordou temas como o marketing desportivo nas organizações, a importância de elaborar um plano de marketing, elaboração de propostas de marketing e técnicas para abordar empresas e a negociação.



“DESPORTO, GÉNERO E SEXUALIDADE” EM LIVRO

O livro “Desporto, Género e Sexualidade” reúne um conjunto de 12 textos a olhar para “uma situação que tem de levar em linha de conta que nos tempos atuais já não estamos apenas perante um propósito de igualdade de direitos entre sexos que são diferentes, mas entre géneros onde as diferenças não são as mesmas”, conforme se pode ler na contracapa. A obra tem a coordenação de José Manuel Constantino, presidente do COP, que assina a nota prévia, com o título “A Igualdade do(s) sexo(s), do(s) género(s) e da(s) sexualidades(s)”, e de Maria Machado.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO OLÍMPICA COM MAIS ESCOLAS INSCRITAS

O Programa de Educação Olímpica (PEO) do Comité Olímpico de Portugal teve um aumento significativo, em todo o país, no ano lectivo 2017/2018, com 147 escolas e 365 professores inscritos.

No período em análise destacam-se a validação dos conteúdos do PEO por parte da Direção-Geral de Educação, a celebração de novas parcerias, assim como a disponibilização de conteúdos do Programa na plataforma digital Ensina, da RTP.

No ano letivo passado, os elementos do departamento responsável pelo Programa de Educação Olímpica participaram numa formação internacional, que lhes permitiu adquirir competências para a aplicação das metodologias sugeridas pelo Comité Olímpico Internacional.



PRÍNCIPE RADU DA ROMÉNIA VISITA O COP

O Príncipe Radu, da Roménia, visitou o Comité Olímpico de Portugal (COP), na companhia da embaixadora romena em Portugal, Ioana Bivolaru, tendo sido recebido pelo presidente do COP, José Manuel Constantino, e pelo secretário-geral, José Manuel Araújo. O momento, no qual também intervieram a conselheira da Casa Real da Roménia e secretária do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Sandra Gatejeanu-Gheorghie, e a chefe de gabinete do presidente do COP, Maria José Farinha, foi aproveitado para a apresentação de cumprimentos e troca de impressões sobre a situação desportiva de ambos os países. O Príncipe Radu assinou depois o Livro de Honra do COP, seguindo-se uma troca de presentes.

VISITA DO PRESIDENTE DO COMITÉ OLÍMPICO DO BRASIL REFORÇA COOPERAÇÃO

Paulo Wanderley Teixeira, presidente do Comité Olímpico do Brasil (COB), esteve em Portugal, durante três dias, a convite do Comité Olímpico de Portugal (COP), naquela que, simbolicamente, foi a sua primeira visita oficial a um comité olímpico nacional, desde que tomou posse.

O presidente do COP, José Manuel Constantino, e o seu homólogo brasileiro assinaram um memorando

de entendimento no qual ficaram expressas as áreas em que os dois organismos vão passar a cooperar. Paulo Wanderley Teixeira afirmou existir a possibilidade de estabelecer em Portugal uma base de treino para os Jogos Olímpicos Paris 2024. O responsável pelo Comité Olímpico de Portugal sublinhou o reforço na cooperação entre as duas organizações que partilham a mesma língua e que nem sempre estiveram próximas nem criaram sinergias que as permitisse valorizar e partilhar o que cada uma delas tinha de melhor. Durante a sua passagem por Portugal, o presidente do COB teve contacto com todos os departamentos do COP e reuniu com a Associação dos Comités Olímpicos de Língua Oficial Portuguesa, a Academia Olímpica de Portugal e a Comissão de Atletas Olímpicos. Paulo Wanderley Teixeira foi ainda recebido pelo embaixador do Brasil, teve uma audiência com o secretário de Estado da Juventude e Desporto, João Paulo Rebelo, reuniu com a Fundação do Desporto e visitou as instalações do Complexo Desportivo de Rio Maior.



ARRANQUE DO PROGRAMA “THE OLYMPIC PERFORMANCE”

Iniciaram-se no final de setembro as ações de formação que integram o Programa “The Olympic Performance (TOP)” desenvolvido pela Direção de Medicina Desportiva do Comité Olímpico de Portugal (COP). A primeira esteve a cargo da psicóloga Ana Bispo Ramires e integrou uma iniciativa da Federação Portuguesa de Tiro com Arco, no âmbito do curso de treinadores. O primeiro de cinco módulos da área da Psicologia do desporto decorreu no auditório do COP sob o tema “Saúde Mental e Bem Estar como Pilares de Rendimento Desportivo de Excelência”, tendo contado com cerca de 20 participantes de diversas modalidades desportivas e níveis de competição.

COP PRESENTE NA ASSEMBLEIA GERAL DA ANOC EM TÓQUIO

O Comité Olímpico de Portugal (COP) participou na XXIII Assembleia da Associação dos Comités Olímpicos Nacionais (ANOC), em Tóquio, onde foram apresentados os relatórios dos Jogos Olímpicos realizados durante 2018 - os de Inverno, em Pyeongchang (Coreia do Sul) e os da Juventude, em Buenos Aires (Argentina). Na Assembleia, o COP esteve representado pelo presidente, José Manuel Constantino, e pelo secretário-geral, José Manuel Araújo, que acompanharam igualmente os pontos de situação em relação aos futuros Jogos de Verão 2024 (Paris) e 2028 (Los Angeles) e de Inverno 2022 (Pequim), tal como dos Jogos Mundiais de Praia San Diego 2019. Foi dada especial atenção aos Jogos de Tóquio, tendo a Assembleia recebido muito boas indicações, comprovadas durante uma visita a diversos locais de competição, entre os quais o Estádio Olímpico.

EQUIPA OLÍMPICA DE REFUGIADOS CONFIRMADA EM TÓQUIO 2020

Uma equipa de refugiados participará nos Jogos Olímpicos Tóquio 2020, segundo decisão tomada pelos membros do Comité Olímpico Internacional (COI) na 133.ª sessão realizada em Buenos Aires. A iniciativa faz parte do compromisso do COI em desempenhar um papel na resolução da crise global de refugiados e trata-se de uma nova oportunidade para continuar a transmitir a mensagem de solidariedade e esperança a milhões de refugiados e atletas deslocados em todo o Mundo. A sessão do COI mandou a Solidariedade Olímpica para estabelecer as condições de participação e definir o processo de identificação e seleção da equipa, que será anunciada em 2020. “Num mundo ideal, não precisaríamos de ter uma equipa de refugiados nos Jogos Olímpicos, mas, infelizmente, as razões pelas quais criámos uma equipa olímpica de refugiados antes dos Jogos Olímpicos Rio 2016 continuam a persistir. Faremos o nosso melhor para receber os atletas e dar-lhes uma casa e uma bandeira na Vila Olímpica de Tóquio, com todos os atletas olímpicos de 206 Comités Olímpicos Nacionais”, disse Thomas Bach, presidente do COI.



VICENTE MOURA RECEBEU OLYMPIC LAUREL AWARD EM MARBELLA

José Vicente Moura recebeu o Olympic Laurel Award dos Comitês Olímpicos Europeus (COE), pela sua excepcional carreira no desporto. A cerimónia decorreu em Marbella (Espanha), durante a 47.ª Assembleia Geral dos COE. A proposta de reconhecimento do trabalho realizado no desporto por José Vicente Moura, materializada numa candidatura bem sucedida junto dos COE, foi feita pelo Comité Olímpico de Portugal (COP).

José Vicente Moura, 81 anos, foi presidente do COP, durante dois períodos (1990-1992 e 1997-2012), tendo sido chefe de missão aos Jogos Olímpicos Los Angeles 1984, nos quais Carlos Lopes conquistou a primeira medalha de ouro olímpica para Portugal. Foi igualmente presidente do Conselho Superior de Desporto, da Associação dos Comitês Olímpicos de Língua Oficial Portuguesa, da Federação Portuguesa de Natação e do Panathlon Clube de Lisboa. Foi fundador da Academia Olímpica de Portugal.

COP PRESENTE EM DEBATE NA ASSEMBLEIA PARLAMENTAR DO CONSELHO DA EUROPA

O Sub-Comité de Educação, Juventude e Desporto e o Sub-Comité da Criança, da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, realizaram uma reunião conjunta em Tbilisi, na Geórgia, com três tópicos principais para a discussão: combate ao abuso sexual de crianças no desporto; combate à corrupção no desporto; e proteção de direitos humanos no desporto. O diretor-geral do Comité Olímpico de Portugal (COP), João Paulo Almeida, interveio no debate centrado no combate ao abuso sexual de crianças no desporto, dando testemunho de casos concretos e refletindo sobre as insuficiências do sistema na apresentação de respostas às vítimas de assédio e abuso no desporto. Esta sessão, realizada a seguir à reunião de ministros do desporto do Conselho da Europa, visa dar continuidade e acompanhar a implementação de medidas previstas em resoluções aprovadas pelo Conselho da Europa nestas três áreas.

MILÃO/CORTINA D'AMPEZZO E ESTOCOLMO CONVIDADAS PARA 2026

O Comité Olímpico Internacional (COI) convidou as cidades de Milão/Cortina d'Ampezzo (Itália) e Estocolmo (Suécia) para assumirem candidaturas à organização dos Jogos Olímpicos de Inverno 2026. A decisão assinala o início do processo formal simplificado de candidatura, durante o qual as cidades continuarão a trabalhar em estreita colaboração com o COI para desenvolver o melhor plano possível de Jogos, de acordo com a Agenda Olímpica 2020/Nova Norma. Os candidatos enviarão um único ficheiro de candidatura em janeiro de 2019, como parte de um processo simplificado que reduz o custo e a complexidade para as cidades. A cidade de Calgary também foi convidada pelo COI para organizar os Jogos Olímpicos de Inverno 2026, mas os habitantes da cidade canadiana recusaram a candidatura através de referendo.



PORTUGAL CONSOLIDA PRESENÇA NA FAMÍLIA DOS JOGOS DO MEDITERRÂNEO

O seminário internacional Jogos do Mediterrâneo para a Paz e o Desenvolvimento Social reuniu em Paço de Arcos, numa organização do Comité Olímpico de Portugal (COP), 17 comités olímpicos nacionais que integram o Comité Internacional dos Jogos do Mediterrâneo (CIJM) e debateram temas como a educação e o desenvolvimento social no interesse dos atletas e dos Jogos do Mediterrâneo; as formas de compatibilizar o desporto de alto rendimento com os estudos, numa carreira dual; a educação Olímpica e a inclusão social através do desporto.

Em Tarragona 2018 estiveram 3648 atletas e 2010 oficiais, no ano em que os Jogos do Mediterrâneo sofreram o atraso de um ano na sua organização, devido aos problemas políticos ocorridos em Espanha, nomeadamente na Catalunha. "A mudança na frequência da organização dos Jogos – não no ano imediatamente a seguir aos Jogos Olímpicos, mas dois anos depois – teve um efeito positivo, apesar de ter acontecido acidentalmente", defendeu Victor Sánchez, o diretor executivo de Tarragona 2018, que deixou igualmente um desafio no seminário: a organização do Congresso dos Jogos do Mediterrâneo. "O que somos e para onde queremos ir?" são as questões que se colocam 70 anos depois do início da organização.



PAULO FÉLIX
Selecionador nacional de
Andebol de praia masculino

A experiência de ter passado por uns Jogos Olímpicos da Juventude é única e sentimo-nos uns privilegiados por tudo isto ter acontecido

Muito mais do que um sonho

Não é fácil, mesmo com toda a riqueza da língua portuguesa, conseguir exprimir todos os sentimentos que nos invadiram durante os dias de competição em Buenos Aires.

Foi em 2016 que iniciámos um projeto desportivo de observação, seleção e preparação de seleções nacionais de Andebol de Praia. Este planeamento tinha como principal objetivo conseguir o apuramento para os Jogos Olímpicos da Juventude (JOJ) 2018 em Buenos Aires. E foi assim que tudo começou, um simples projeto de formação de jovens atletas até ao sonho de uma participação olímpica.

Pelo meio três Campeonatos da Europa e um Campeonato do Mundo, até conseguirmos o tão desejado apuramento para os JOJ e o sonho ficar cada vez mais perto. Após muita ansiedade e expectativa foi-nos comunicada a decisão final: a seleção masculina estava qualificada e a feminina não. Foi duro, muito duro para as nossas “meninas”, que tinham feito uma qualificação fantástica e com melhores resultados do que os masculinos.

De todas as competições que tivemos nada se comparava a esta: Apresentação da Missão, Cerimónia de Abertura, Competição, Cerimónia de Encerramento, era tudo novo e muito diferente daquilo a que estávamos habituados. Iríamos estar e conviver durante três semanas com treinadores e atletas que não conhecíamos, que nunca tínhamos visto e que nem sabíamos de onde eram. Será que ia correr bem? Será que estávamos preparados? Uma coisa tínhamos a certeza, estávamos ansiosos de viver o nosso sonho e com muita vontade que tudo começasse.

No dia 2 de outubro, tudo começou com a concentração num hotel e apresentação na Casa da América Latina, em Lisboa, da maior Missão que Portugal alguma vez levou aos JOJ. Em Buenos Aires, iriam competir 41 atletas portugueses, em representação de 12 modalidades diferentes.

Das várias intervenções, todas elas pertinentes e importantes, fiquei com duas registadas na minha memória. O presidente do COP, José Manuel Constantino, sublinhou o caráter especial da competição: “Trata-se de uma experiência que ficará nas vossas memórias para sempre”, deixando alguns desafios: “Que possam superar-se, ir além do vosso valor desportivo. No plano social, o comportamento deve ser irrepreensível, porque transportam nas vossas costas o país”. Marco Alves, diretor do Departamento de Missões e Preparação Olímpica do COP, traçou um quadro de esperança: “Traremos muito mais da capital argentina do que as marcas e os registos, traremos uma experiência para a vida. Os Jogos Olímpicos da Juventude são mais do que uma competição, são uma oportunidade de Portugal se afirmar além-fronteiras”.

Estas palavras foram para mim o mote para criar um sentimento no grupo que liderava. Teríamos de criar um objetivo coletivo de superação e, como jovens que são, teriam de se divertir com responsabilidade. Foi assim que iniciámos todo o percurso nos JOJ, com a perfeita noção da responsabilidade que tínhamos e com o objetivo mínimo de passar ao Main Round da competição, o que por si só já era muito difícil face à qualidade das equipas que estavam no nosso grupo.

Primeiro dia de competição com dois jogos e conseguimos uma vitória por 2-0, no jogo teoricamente mais fácil frente às Maurícias, e uma derrota por 2-1 com a Croácia, equipa que era um dos principais candidatos a vencer a competição.

Seguimos para o segundo dia, com dois jogos extremamente difíceis: Argentina e Itália, vice-campeões pan-americanos e mundiais, respetivamente. O jogo com Argentina, a jogar em casa e com duas vitórias em outros tantos jogos, foi excelente e somente no desempate por shoot-out não tivemos a qualidade necessária para vencer. Derrota por 2-1, que nos deixava

numa situação muito complicada e tornaria o jogo com a Itália decisivo para a passagem no grupo. Encarámos esse jogo, com uma equipa que conhecíamos muito bem, como a última oportunidade de atingir o objetivo mínimo e conseguimos vencer por 2-0. Precisávamos somente de vencer o Paraguai e garantir a presença nas seis melhores seleções olímpicas, o que veio a acontecer com uma vitória por 2-0.

Estávamos onde queríamos, mas não como queríamos. Efectivamente, estar no Main Round com zero pontos dificultava imenso a nossa tarefa e somente 3 ou 2 vitórias com combinação de alguns resultados favoráveis nos dariam a passagem às meias-finais. Dois jogos perfeitos com Hungria e Tailândia, com vitórias por 2-0, e uma derrota com a Espanha, por 2-1, poderia ou não chegar. Tivemos de esperar pelo último jogo do dia para saber a nossa classificação e valeu a pena a espera: vitória da Argentina frente à Hungria e passagem assegurada no 3.º lugar.

Esperava-nos uma missão quase impossível, eliminar a Argentina em Buenos Aires nas meias-finais da prova, uma seleção que teve uma preparação contínua de oito meses contra os nossos oito dias. Após uma 1.ª parte menos conseguida, realizámos uma 2.ª parte e um shoot-out irrepreensíveis: vitória por 2-1 e estávamos na final. Atingimos o nosso sonho, diria mais, multiplicámos o nosso sonho. De uma participação olímpica, à passagem ao Main Round, à qualificação para as meias-finais e consequente acesso à final olímpica.

Na final, encontrámos a seleção favorita e dominadora desta geração de Andebol de Praia, a Espanha. A partir desse momento, o 2.º lugar era o pior que nos podia acontecer. Jogámos focados e levámos o jogo para shoot-out. A sorte sorriu à seleção espanhola e perdemos por 2-1, mas não era possível ficarmos tristes. Tínhamos feito muito mais do que esperavam de nós, tínhamos a prata nas nossas mãos. Conseguimos que o Andebol de Praia português fosse reconhecido internacionalmente e continuamos sempre a crescer!!!

Muito mais do que os bons resultados, ficam as histórias e as memórias de toda a competição. As histórias do João Rodrigues, da Vela, e do João Gomes, da Esgrima, o quotidiano da vila olímpica, a recepção na embaixada portuguesa na Argentina, o apoio aos outros atletas portugueses, as amizades com todos os que se cruzaram connosco, a recepção no Palácio de Belém pelo Sr. Presidente Professor Marcelo Rebelo de Sousa. A experiência de ter passado por uns Jogos Olímpicos é única e sentimo-nos uns privilegiados por tudo isto ter acontecido.

Venham mais sonhos destes!!!



Atingimos o nosso sonho, diria mais, multiplicámos o nosso sonho. De uma participação olímpica, à passagem ao Main Round, à qualificação para as meias-finais e consequente acesso à final



A entrega dos Prémios e Galardões do Comité Olímpico de Portugal assinalou o evento anual que celebra a excelência no desporto português

CELEBRAÇÃO OLÍMPICA CONSAGRA OS MELHORES DE 2018

A CELEBRAÇÃO OLÍMPICA 2018 distinguiu Sameiro Araújo com a Ordem Olímpica Nacional; Inês Henriques e Fernando Pimenta com a Medalha de Excelência Desportiva; Fernando Costa Matos com a Medalha de Mérito; José Ramalho com o Prémio Ética Desportiva; Patrícia Sampaio e Alexandre Montez com o Prémio Juventude; e a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa com o Prémio Prestígio COP.

O momento foi de celebração do desporto português, no SUD Lisboa, com a reunião da família olímpica, exaltada pelo ministro da Educação, Tiago Brandão Rodrigues, que distinguiu os atletas portugueses participantes nas missões organizadas pelo Comité Olímpico de Portugal (COP), em PyeongChang, Tarragona e Buenos Aires: “Quería congratular-me pela forma como se bateram e como representaram Portugal de forma tão singular.”

O governante português destacou o envolvimento do COP em cinco missões, durante o ano de 2019, e sublinhou que as políticas de apoio ao desporto são para manter: “Temos uma

enorme confiança no olimpismo português. Acreditamos que este investimento compensa, vale a pena para afirmar a marca de Portugal internacionalmente”, disse.

No seu discurso, José Manuel Constantino, presidente do COP, deixou uma mensagem sobre a abrangência do trabalho desenvolvido. “O Movimento Olímpico, como o assumimos desde a primeira hora, está muito para além da aritmética dos resultados desportivos, pois tem a responsabilidade de contribuir para um mundo melhor através da educação para o desporto, praticado de acordo com o Olimpismo e os seus valores.” Para além do desempenho desportivo, há na agenda do COP mais temas estruturantes. “Não abdicamos deste compromisso e com o apoio de uma rede alargada de parceiros nacionais e internacionais, perseveramos em desenvolver e entregar projetos e iniciativas concretas no âmbito da educação olímpica ou da prevenção da manipulação de resultados”, disse José Manuel Constantino. “Fazemo-lo com a noção clara que temos de cuidar do futuro comum do desporto, tão vulnerável a ameaças que mancham inapelavelmente a credibilidade e os valores que muitos se orgulham de professar mas nem todos de os pôr em prática.”

João Rodrigues, presidente da Comissão de Atletas Olímpicos, escolheu a Celebração Olímpica para lembrar que os valores olímpicos – Excelência, Amizade e Respeito – “não são exclusivos dos atletas.” E perguntou: “Não deverá a excelência nortear-nos a todos?”, deixando igualmente uma mensagem em relação ao futuro. “Faltam dois anos para os Jogos Olímpicos de Tóquio, são muitos os desafios que se colocam e muitas tempestades se avizinham, mas, ao olhar para estes atletas, só podemos confiar que levaremos a nau a bom porto.”

Medalhadados de Buenos Aires distinguidos

O COP distinguiu na Celebração Olímpica os medalhados nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018. A seleção feminina de Futsal (medalha de ouro), a seleção masculina de Andebol de praia (medalha de prata), Alexandre Montez, do Triatlo (medalha de prata na prova individual e medalha de ouro na estafeta mista), e o par misto de Ginástica acrobática, Madalena Cavilhas-Manuel Candeias (medalha de prata na prova multidisciplinar), receberam a moeda de Carlos Lopes, da Coleção Ídolos do Desporto, da Imprensa Nacional-Casa da Moeda.



João Rodrigues, Inês Henriques e Artur Lopes



Tiago Brandão Rodrigues, Sameiro Araújo, Lima Bello e José Manuel Constantino

MEDALHA DE EXCELÊNCIA DESPORTIVA

INÊS HENRIQUES E FERNANDO PIMENTA REPETEM DISTINÇÃO

A MEDALHA DE EXCELÊNCIA DESPORTIVA distingue o melhor atleta masculino e a melhor atleta feminina do ano. No ano de 2018 Inês Henriques alcançou a Medalha de Ouro nos 50km de Marcha Atlética no Campeonato da Europa de Atletismo em Berlim.

“Depois de tantos anos de carreira, ganhar esta medalha pelo segundo ano consecutivo é fantástico. O ano foi muito difícil para mim, mas termina bem. Consegui o principal objetivo, que era ser campeã da Europa, mas houve um momento muito difícil, que me marcou muito, a desistência no Campeonato do Mundo de equipas. Fui mesmo ao fundo e tive de me reerguer”, afirmou Inês Henriques

Em 2018, Fernando Pimenta obteve as seguintes classificações de maior destaque: medalha de ouro – K1 1000m no Campeonato do Mundo – Montemor 2018; medalha de ouro – K1 1000m no Campeonato da Europa – Belgrado 2018. E voltou igualmente a ser distinguido com a Medalha de Excelência Desportiva.

“Para mim, é sempre importante ser distinguido, ainda para mais por uma instituição pela qual tenho grande consideração, o Comité Olímpico de Portugal. É o quarto ano consecutivo que ganho, mas mantenho o foco no essencial, que é o trabalho e os resultados nas competições”, sublinhou Fernando Pimenta.

ORDEM OLÍMPICA NACIONAL

SAMEIRO ARAÚJO SEMPRE NA PRIMEIRA LINHA

SAMEIRO ARAÚJO É HOJE UMA FIGURA DE REFERÊNCIA, através da sua carreira e do seu exemplo liderante, para a afirmação e promoção do papel da mulher no desporto, esbatendo assimetrias na igualdade de género nos mais diversos domínios de participação desportiva.

O nome de Sameiro Araújo é indissociável de diversas das mais importantes conquistas do atletismo e do desporto português, em campeonatos da Europa e do Mundo, bem como da carreira de atletas olímpicas de referência, entre as quais Manuela Machado, Albertina Machado, Conceição Ferreira, Dulce Félix ou Jéssica Augusto.

A Ordem Olímpica Nacional destina-se a distinguir personalidades de elevado nível e público reconhecimento, por relevantes serviços prestados ao Movimento Olímpico. “Significa o reconhecimento do trabalho desenvolvido ao longo dos últimos 40 anos. É óbvio que estou muito feliz e penso que é muito importante para os treinadores portugueses, principalmente para as treinadoras. Quando se trabalha, quando se acredita, quando se têm sonhos eles acabam por se concretizar”, disse Sameiro Araújo.



RECONHECIMENTO DAS ESCOLAS

O COP RECONHECEU IGUALMENTE CINCO DAS ESCOLAS que mais se distinguiram no âmbito do seu Programa de Educação Olímpica, com a atribuição de diplomas. Escola Básica e Secundária Fernando do Pó (Bombarral), Escola Secundária Henriques Nogueira (Torres Vedras), Colégio do Castanheiro (Ponta Delgada), Agrupamento de Escolas Rio Novo do Príncipe (Cácia) e Escola Básica da Regedoura (Ovar) foram os estabelecimentos de ensino que subiram ao palco do SUD Lisboa.



José Ramalho, Edite Estrela e Manuel Brito



António Aleixo, Fernando Costa Matos e Pedro Farromba

PRÉMIO ÉTICA DESPORTIVA JOSÉ RAMALHO DISTINGUIDO POR CONDUTA RESPEITOSA

O PRÉMIO ÉTICA DESPORTIVA destina-se a premiar ações relevantes em prol dos princípios e valores da ética no desporto, suscetíveis de constituir exemplos virtuosos e pedagógicos e pode ser atribuído a atletas, dirigentes, treinadores e outros agentes desportivos ou profissões relacionadas com o desporto.

José Ramalho tem no seu currículo desportivo seis títulos de campeão da Europa de Canoagem, em maratona K1, conquistados nos anos de 2011, 2014, 2015, 2016, 2017 e 2018. Na mesma categoria, ganhou uma medalha de prata e três de bronze, no Campeonato do Mundo, em 2012, 2009, 2014 e 2016.

No ano de 2018, José Ramalho apresentou-se no Mundial realizado em Portugal (Prado) com legítimas ambições a competir pelo seu primeiro título de campeão, figurando entre os favoritos à vitória.

No decorrer da competição, o atleta português foi confrontado com a contingência de a sua embarcação ter partido a proa ao embater noutra, o que o fez perder distância para o grupo da frente. José Ramalho percorreu 3,6km (uma volta completa ao circuito) com a embarcação a meter água.

Demonstrando respeito pelos adversários e pelo imenso público que o apoiava, José Ramalho manteve-se em prova e, depois de reparada a embarcação, empreendeu uma recuperação, com tempos por volta de menos 40 segundos do que os registados pelo grupo da frente, tendo conseguido a recolagem. No sprint final, completamente esgotado e apesar da sua enorme generosidade, José Ramalho classificou-se na sexta posição a apenas alguns segundos das medalhas.

A conduta de José Ramalho figura como um testemunho vivo dos valores e princípios do desporto, através da superação competitiva e respeito pela competição, pelos adversários e pelo público presente, num exemplo de atitude que encerra um apurado sentido ético em relação à forma de estar na vida e competir na sua modalidade de eleição.

“Este prémio representa 20 anos de trabalho, embora seja relativo a uma prova. Para mim vale o trabalho da canoagem e de ser atleta. É uma grande honra representar a minha cidade e o meu clube”, afirmou José Ramalho.

MEDALHA DE MÉRITO RECONHECIDA CARREIRA ÚNICA DE FERNANDO COSTA MATOS

A MEDALHA DE MÉRITO destina-se a galardoar desportistas que tenham prestado serviços relevantes ao Desporto Nacional ou ao Olimpismo. Fernando Costa Matos tem assumido, ao longo de mais 50 anos ligados ao Judo, um papel cimeiro no desenvolvimento da modalidade em Portugal enquanto atleta, técnico, dirigente e árbitro internacional, com uma carreira única onde pontificam a participação nos Jogos Olímpicos de Tóquio 1964 como porta-estandarte nas cerimónias de abertura e encerramento, a presidência da Federação Portuguesa de Judo, a arbitragem de Campeonatos da Europa e de torneios internacionais enquanto árbitro da União Europeia de Judo, sendo membro fundador das associações de treinadores e árbitros de Judo de Portugal.

“Olhando para trás, faz-me lembrar uma vida dedicada ao desporto, em diversas modalidades. É sempre agradável pensar que alguém reconhece um mínimo de mérito ao que fiz com muito prazer, muito entusiasmo, a diversos níveis, quer como atleta, quer como árbitro ou dirigente”, disse.



José Manuel Araújo, José Manuel Constantino, Edmundo Martinho e João Paulo Rebelo



Ulisses Pereira, Alexandre Montez e Rafael Salgueiro

PRÉMIO PRESTÍGIO COP SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA COM PAPEL INCONTORNÁVEL

A SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA ASSUME, desde a sua fundação em 1498, como missão a melhoria do bem-estar das pessoas, prioritariamente dos mais desprotegidos, abrangendo as prestações de ação social, saúde, educação e ensino, cultura e promoção da qualidade de vida, de acordo com a tradição cristã e obras de misericórdia do seu compromisso originário e da sua secular atuação em prol da comunidade, bem como a promoção, apoio e realização de atividades que visem a inovação, a qualidade e a segurança na prestação de serviços e, ainda, o desenvolvimento de iniciativas no âmbito da economia social.

O fomento ao desporto figura como um elemento importante do apoio às boas causas desta instituição centenária, quer através da redistribuição das receitas dos jogos sociais do Estado, quer no apoio direto a um vasto conjunto de eventos, organizações e agentes desportivos, onde figura como exemplo as Bolsas de Educação Jogos Santa Casa a atletas integrados no Programa de Preparação Olímpica.

A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa tem, ao longo de décadas, assumido um papel incontornável e insubstituível no desenvolvimento do desporto em Portugal, de relevante prestígio e superior interesse público.



Tiago Viegas, Patrícia Sampaio e Filipa Cavalleri

PRÉMIO JUVENTUDE PATRÍCIA SAMPAIO E ALEXANDRE MONTEZ SÃO NOMES DE FUTURO

O PRÉMIO JUVENTUDE destina-se a premiar o atleta nacional masculino e a atleta nacional feminina, de escalões jovens, que mais se tenham distinguido no ano anterior pela obtenção de resultados de excelência em competições internacionais ao mais alto nível desportivo, sendo relevante o mérito do percurso académico.

Patrícia Sampaio foi Campeã da Europa de Juniores e 3.^a classificada no Campeonato do Mundo de Juniores, na modalidade de judo. “É muito importante saber que sou um marco na juventude do desporto de Portugal. Fazer o que gosto e ainda ser premiada é muito importante.”

Alexandre Montez foi vice-campeão olímpico da juventude e medalha de ouro nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018 em equipas mistas de Triatlo. “É um prémio que é ganho com todo o esforço e dedicação dados durante os anos em que pratico Triatlo. Estou surpreendido.”

SAMEIRO ARAÚJO

“CORRO O RISCO DE TERMINAR A CARREIRA SEM UMA MEDALHA OLÍMPICA”

O tempo dedicado ao Atletismo já vai longo e são muitos os prémios acumulados num trajeto profissional muito rico. Em novembro foi distinguida com a Ordem Olímpica Nacional, atribuída pela COP, mas há um objetivo que a mantém no ativo

A maioria das pessoas identifica-a como treinadora de atletismo, muitas sabem que é vereadora da Câmara Municipal de Braga, mas menos serão as que a associam à psicologia. O que é que a levou a optar por uma licenciatura em psicologia?

Bom, eu fiz a licenciatura em psicologia já adulta, já trabalhava, já era professora de Educação Física há muitos anos, porque senti necessidade de um complemento à minha formação. Quando decidi fazer psicologia não foi propriamente para exercer a carreira de psicóloga. Eu sentia que era algo que necessitava e era uma lacuna na minha formação enquanto treinadora.

A sua vocação sempre foi a Educação Física, em particular o atletismo.

Sim, a Educação Física era extremamente importante, mas aquilo de que realmente eu gosto mesmo é do Atletismo, é de estar no terreno.

E o que é que a levou a ir para o atletismo. Qual foi a motivação?

Não foi nada em especial, eu desde miúda que sempre gostei muito de desporto e logo no 5.º ano, tinha 10 anos, a minha professora de Educação Física, que era atleta no Sporting de Braga e treinadora, a professora Alice Torres, perguntou aos alunos quem é que no fim-de-semana seguinte queria fazer umas competições de Atletismo no Estádio 1º de Maio. Eu de imediato disse que queria. Fui, gostei, fiquei.

E como é que surge o treino na sua opção pelo atletismo?

Bom, eu desde muito cedo me apercebi que como atleta, por mais esforçada e dedicada que fosse, nunca chegaria a atingir patamares de rendimento que gostaria. Esforçava-me, treinava muito, quer dizer, aquilo que os treinadores mandavam, mas efetivamente em termos de resultados eu vi que não era dotada, contrariamente ao meu irmão que, sem treinar, ia para as competições e ganhava tudo. E talvez por esse motivo eu desde muito cedo enveredei pela carreira do treino. Tinha eu 17 anos, ficámos sem treinador no Sporting de Braga e um diretor pediu-me para eu ficar a orientar as minhas colegas durante uma semana, 15 dias, até arranjar um novo treinador. Não porque eu fosse a atleta mais velha, que não era, mas era aquela mais certinha, mais dedicada. Já tinha um curso de animadora desportiva... Pronto, foi assim que eu abracei





de imediato o treino. Não era um projeto consolidado, mas vi ali uma janela que se abria. E não foi uma semana: passou um mês, dois meses, um ano... e eu vi que aquilo que era, de certa forma algo provisório, estava a passar a definitivo. Então comecei aí a fazer a minha formação na área do treino. Vi que poderia dar muito mais de mim do que como atleta, porque como atleta estava demasiado limitada para aquilo que ambicionava.

Quais são as grandes vitórias de um treinador?

Olhe, contrariamente àquilo que as pessoas possam pensar, eu adoro fazer formação. Adoro a alta competição, sem dúvida. Mas eu sempre gostei imenso de fazer o atleta, de começar com o atleta desde que ele aparece em pista até ao alto rendimento. Sem dúvida que fazer todo esse processo para mim orgulha-me e dá-me um prazer enorme, porque vejo que ali é trabalho do atleta, efetivamente, de quem nos acompanha, mas trabalho meu, também. Eu não me aproveito do trabalho que inicialmente muitos jovens têm de outros treinadores, mas sei que aquilo é um produto meu e efetivamente isso dá-me um gozo muito

grande. Sei que cada vez mais isso é difícil, nos dias que correm, um treinador pegar num atleta com 10 anos e conseguir acompanhá-lo até ao alto rendimento. É muito, muito complicado, mas eu consegui-o por várias vezes. Os tempos também eram outros e cada vez mais a complexidade do treino e a obtenção de resultados de excelência exigem que estejamos rodeados de equipas pluridisciplinares. O resultado não é de um treinador, é de toda uma equipa, mas sem dúvida que este processo do acompanhamento do atleta desde a formação até à alta competição é algo que me move, independentemente depois de conseguir ganhar medalhas e campeonatos do mundo ou Jogos Olímpicos.

Quais são os seus grandes atletas?

Por vezes, há atletas que são grandes atletas e que são desconhecidos do grande público. Aqueles atletas que se dedicam, que se esforçam, que lutam, passam anos e anos a treinar para evoluírem alguns segundos e que deles não reza a história, não é? Por vezes há grandes exemplos e eu tive alguns, mas sem dúvida que há atletas que nos marcam e eu não gostaria de estar aqui a destacar nenhum porque



“QUEM ME DERA A MIM TER MUITOS SÉTIMOS LUGARES EM JOGOS OLÍMPICOS”

efetivamente treinei centenas, senão milhares de atletas. Alguns chegaram a patamares elevadíssimos. A Manuela Machado, que foi campeã do mundo, a Conceição Ferreira, que foi campeã do mundo, da Dulce Félix, que foi campeã da Europa, da Jéssica Augusto que foi campeã da Europa, enfim... Eu dei muito aos meus atletas, dei toda uma vida, mas eles também me deram muito a mim e eu sinto-me feliz porque consegui, independentemente daquilo que eles fizeram e conseguiram no campo desportivo, colaborar para que fossem grandes homens e grandes mulheres. Orgulho-me muito do trabalho que fiz, não só a nível do desporto mas também em termos sociais.

E quais são os dias felizes, os dias das vitórias que ficam na sua memória?

Olhe, por incrível que pareça, não foi uma vitória, foi um segundo lugar que me marcou profundamente. Estou a falar do caso concreto da Manuela Machado, não quando ela foi campeã do mundo em 95, mas em 97 quando ela foi vice-campeã do mundo. Estávamos em Atenas. Cerca de mês e meio antes, a Manuela Machado teve um acidente de automóvel, fraturou o externo, a consequência disso, com a tomada de medicamentos, foi que a Manuela ficou anémica. Os médicos todos a dizer para ela desistir do mundial, eu própria não queria que ela participasse no mundial, porque não estava nas melhores condições. Tinha sido campeã do mundo, as expectativas estavam todas voltadas para ela e nós sabíamos que ela não estava

nas melhores condições. Os médicos diziam: “Manuela, não vás porque tu és um Fiat 600 a correr ao lado de Mercedes”. E ela, lembro-me como se fosse hoje, chorava, chorava a dizer-me: “Tu é que sabes”, quando eu lhe dizia que era melhor não ir. “Tu é que sabes”, e ela começava a chorar: “Mas eu quero ir”, dizia. E apenas três ou quatro dias antes da maratona nós resolvemos ir para o campeonato do mundo, já estava a equipa toda em Atenas. Quando o médico lhe disse: “Não estás ao teu melhor nível, mas já não corres perigo de saúde. Por mim podes ir. Não vais render aquilo que supostamente poderias render, mas a tua treinadora é que sabe em termos de treino o que é que tu deixaste de fazer para recuperares da anemia.” Quando lhe disseram “Não pões em risco a tua saúde”, ela chorava e dizia-me: “Tu é que sabes, mas eu quero ir.” Portanto, quatro dias antes fomos para Atenas e a Manuela foi vice-campeã do mundo. Há coisas que são inexplicáveis e é o que ela diz, que esta medalha dela valeu muito mais do que todas as outras que conseguiu, porque efetivamente foi de uma coragem, de uma determinação, de uma garra que era aquilo que também a caracterizava e que deu a volta quando ninguém estava à espera. Por vezes conseguem-se conquistas que não estávamos de todo à espera.

Teve muitos momentos difíceis na sua carreira?

Eu não tive muitos, tive alguns, como é óbvio. Numa carreira de treinador temos sempre momentos muito bons e momentos menos bons. Por exemplo, no caso concreto da Manuela Machado, em 1996, em Atlanta, em que ela era favorita a uma medalha, depois de ter sido campeã da Europa em 1994 e campeã do mundo em 1995. Em 96, nos Jogos Olímpicos, estava numa forma espetacular, estávamos todos à espera de uma medalha e a Manuela foi 7.^a. Aí foi muito difícil fazer a gestão. É o que eu digo, o treinador não pode ser psicólogo do atleta. O treinador tem de ter ferramentas que lhe permitam encarar o treino e ajudar os atletas em determinados aspetos, mas não pode ser psicólogo, principalmente numa modalidade individual, porque está demasiado próximo do atleta. O psicólogo tem de ter a distância suficiente para lidar com as situações. Em 96, foi muito difícil para a atleta lidar com um 7.^o lugar, foi muito difícil para mim, e tivemos efetivamente de fazer o luto, se é assim que se pode chamar. Foi complicado. Foi complicado até porque os portugueses, as pessoas, não entendem. É o que costumo dizer: quem me dera a mim ter muitos 7.^{os} lugares em Jogos Olímpicos, mesmo um lugar de finalista é sempre muito prestigioso. A Manuela ouviu várias vezes várias críticas. Chegou a ouvir dizer: “Vai ali a vergonha de Portugal.” Isso marcava-a profundamente e essa foi uma frase que a fez chorar durante todo o treino. Dizia: “Eu tentei tudo, eu fiz tudo o que estava ao meu alcance para conseguir uma medalha. Fui 7.^a, não consegui. Daí a dizerem que sou a vergonha de Portugal...isso dói muito.” Mas ela ouviu. E também houve críticas da comunicação social. É aquilo que eu digo, a nossa comunicação social não está preparada para estar presente nuns Jogos Olímpicos. Fazem futebol durante quatro anos – a maior parte – e de quatro em quatro vão a um evento que se chama Jogos Olímpicos e com o qual não estão preparados para lidar.

Pensam que estar nuns Jogos Olímpicos é estar em qualquer meeting de atletismo ou mesmo num campeonato da Europa. São coisas totalmente diferentes.

Já esteve em muitos Jogos Olímpicos. Terá muitas histórias para contar. Viu muitas mudanças dentro do próprio movimento olímpico?

Sim, sem dúvida. Tenho atletas em Jogos Olímpicos desde 84, Los Angeles, aos quais eu não fui. Eu era uma jovem treinadora, a iniciar a carreira, tinha 20 e poucos anos... 26, talvez. Tive dois atletas em Los Angeles e como é óbvio foi enquadrar a equipa de atletismo o professor Mário Moniz Pereira, e também o professor Fonseca e Costa, portanto, duas referências. Mas de tal maneira fiquei entusiasmada que eu quis ir a Los Angeles. Não tinha dinheiro na altura e ponderei vender o carro, uma Dyane. Ainda bem que não a vendi porque depois soube que não poderia estar na Aldeia Olímpica, como é do conhecimento geral. Os hotéis ficavam muito longe da aldeia olímpica, corria o risco de nem conseguir estar com as minhas atletas e à última da hora acabei por não vender o carro e não fui aos Jogos Olímpicos de Los Angeles. Fui depois em 88 a Seul e há histórias muito curiosas de que me lembro. A Fernanda Ribeiro era júnior na altura. O seu treinador foi-me levar ao aeroporto, entregar-me a menina para eu cuidar. E a Fernanda andava sempre com o meu grupo, com a Conceição Ferreira, com a Albertina Machado, andava sempre connosco. Um dia resolvemos ir ao cinema na Aldeia Olímpica. Aí nós sentámo-nos para ver o filme, passado dois minutos entram atletas de uma equipa de basquetebol e à frente da Fernanda Ribeiro ficou uma chinesa com 2 metros e tantos. A Fernanda, pequenina, atrás, não vê o filme. Eu depois ainda a pus no meu colo, mas, enfim... Houve outras que marcaram profundamente. Eu no restaurante da Aldeia Olímpica a ver os pratos que as ginastas de Leste levavam para o almoço, sempre supervisionadas pelos treinadores e dirigentes. Marcou-me profundamente ver uma ginasta que queria comer gelado e não a deixaram, e ela a passar a mão por cima dos gelados e a chupar o dedo. Isto em 88. É óbvio que era tudo muito mais amador. Agora é tudo muito mais profissional. Os atletas agora todos têm uma equipa, estão muito mais protegidos do que estavam na altura. Na altura os atletas iam para os Jogos Olímpicos, iam para uma festa, ainda hoje os Jogos Olímpicos são uma festa, mas é diferente, as coisas são muito mais profissionais, sem dúvida que comparar 84 e 88 com 2016 não tem nada a ver!

Ainda tem uma história mais para fazer nos Jogos Olímpicos, ainda há história para escrever?

Olhe, eu tinha dito aos meus atletas que a minha carreira ia terminar nos Jogos do Rio de Janeiro, em 2016. E em 2016 tive atletas que me disseram: “E agora? Vais embora, com quem é que nós vamos treinar?” Efetivamente, em Braga não há treinadores do meio fundo, não digo que não sejam treinadores com conhecimentos, mas com experiência, porque para treinar um atleta de alta competição não chega só o ter conhecimentos técnicos e científicos. A experiência também é extremamente importante e pronto, houve principalmente uma ou duas atletas que me abordaram, que me pediram e eu fui sensí-



“Assumi com os meus atletas, principalmente com os mais jovens, que iria fazer mais um ciclo olímpico. Estou com eles, espero conseguir ter atletas em Tóquio”

vel... Quer dizer, depois de tantos Jogos Olímpicos, depois de tantos anos na alta competição eu pôr um ponto final de um momento para o outro, eu própria tendo colocado como meta o Rio de Janeiro, eu acho que eu própria não estava convencida que seria mesmo o Rio de Janeiro. Porque é difícil depois de tantos anos, mesmo com a vida superocupada que eu tenho agora, cortar de um momento para o outro. Seria bastante complicado. Portanto, assumi com os meus atletas, principalmente com os mais jovens, que iria fazer mais um ciclo olímpico. Estou com eles, espero conseguir ter atletas em Tóquio e depois vamos fazer uma avaliação e vamos ver o que é que vai dar, se eu ainda terei disponibilidade mental e física para fazer mais um ciclo olímpico. Vamos ver, Tóquio será agora a minha meta e com certeza espero ter lá alguns atletas.

O atletismo português antigamente era muito meio-fundo, fundo... Falava-se que não havia especialistas

“AS MULHERES QUE FAZIAM ATLETISMO HÁ 30/40 ANOS ERAM APELIDADAS DE TUDO”

nas chamadas disciplinas técnicas. Agora são o fundo e o meio-fundo a estar em crise?

Sim, efetivamente temos de reconhecer. Custa-me muito aceitar isso porque durante tantos e tantos anos o meio fundo português foi o melhor da Europa e dos melhores do mundo. Recordo que, com algumas seleções nacionais, fomos coletivamente terceiros, atrás do Quênia e da Etiópia. Mas também fomos campeões do mundo de corta-mato coletivamente à frente desses países. E as coisas mudaram. Ainda bem que mudaram, porque os atletas das ditas disciplinas técnicas trabalham muito agora - mais na última década, porque se falarmos em 84 e 88, enfim, não diria a mesma coisa. Efetivamente, no meio fundo, os atletas treinavam muito e fruto do professor Mário Moniz Pereira. Não tenho dúvidas que foi um grande impulsionador do meio fundo e fundo em Portugal. Os atletas das disciplinas técnicas, os que conseguiam ir aos Jogos Olímpicos, encaravam aquilo como mais uma competição. Não tinham o profissionalismo que hoje têm. Hoje reconheço que os nossos atletas das disciplinas técnicas, na última década principalmente, evoluíram muito. Os treinadores evoluíram muito e têm resultados de grande categoria. As condições de treino melhoraram, não são as ideais mas já temos condições de treino muito melhores do que as que tínhamos anteriormente. Está a acontecer com o meio-fundo português aquilo que durante muitos anos aconteceu com o meio-fundo europeu. À medida que a situação socioeconómica do país se alterou e houve melhores condições de vida, os atletas, eu não digo que se aburguesaram, mas foi um pouco isso. Como dizia um conceituado técnico italiano: “Quando o Quênia e a Etiópia conseguirem ter os McDonalds, os hipermercados, as grandes superfícies comerciais, se calhar o meio fundo deles também vai acabar.”

Mas mesmo assim vê valores novos a despontar no atletismo português nessas áreas?

Sim, há valores novos e eu acredito que possam continuar a haver resultados de excelência. Eu recordo que ainda há dois anos atrás a Dulce Félix foi vice-campeã da Europa nos 10.000 metros. Temos jovens que podem ter resultados de excelência, agora não temos é a quantidade que tínhamos há 30 anos, sem dúvida. São muitos mais esporádicos os casos. Até porque também temos que ser realistas: há toda uma oferta de outras modalidades que há 40 anos atrás não existia. Os miúdos tinham o atletismo, tinham o futebol e pouco mais. Agora estão dispersos pelas variadíssimas

modalidades. Então no setor feminino, principalmente, havia muito pouco por onde pudessem escolher. A base de recrutamento do atletismo se fosse a mesma de há 30 anos... se calhar a situação seria diferente, embora também houvesse outros constrangimentos. As mulheres que faziam atletismo há 30/40 anos eram apelidadas de tudo, não eram bem vistas na sociedade. Quando iam correr para a rua, eram insultadas... “O teu lugar é estar em casa a lavar a loiça”, diziam. Enfim, havia todo este estigma nos anos 70/80. Por isso é que muitas delas iam para a modalidade e abandonavam logo de seguida. As que ficavam eram as que tinham garra e determinação e eram aquelas em quem valia a pena apostar.

Está empenhada na causa da igualdade de género no desporto?

Sempre, desde sempre. Um dos motivos que me levou para a área do treino foi por, como atleta, não conseguir evoluir nem ter os resultados que pretendia, mas por outro lado era efetivamente mostrar que nós nas outras áreas, onde por norma não há mulheres, ou há poucas, somos capazes de ser tão boas quanto os homens. Foi uma luta que travei durante muitos anos e recordo-me que há cerca de 20 anos fiz com que o Sporting de Braga não fosse participar num campeonato nacional de estrada porque havia prémios monetários diferentes para mulheres e para homens. Não usei só esse argumento, utilizei outros também, porque se utilizasse apenas esse argumento eu não conseguia, porque os dirigentes eram homens. Mas o que me moveu a mim efetivamente foi haver prémios diferentes que não fariam qualquer sentido. Sem dúvida que isto foi uma luta muito grande. Ainda hoje continuam a haver diferenças, não é como há 20, 30, 40 anos, mas efetivamente ainda não há igualdade. Eu lembro-me que quando fui convidada pelo professor Fernando Mota para ser responsável pelas seleções nacionais, ao fim de alguns anos estava cansada e pedi para sair. Ele soube utilizar o único argumento que me fez demover de deixar de ser responsável pelas seleções nacionais: “Tu és um exemplo para as outras treinadoras, é a forma das mulheres poderem ver que realmente quando são competentes e quando querem e são determinadas conseguem os lugares de topo na carreira de treinador. Tu és um exemplo para elas, não as desiludas.” Portanto, estive mais uns anos à frente das seleções femininas porque efetivamente reconheci que nessa altura fui uma referência para algumas treinadoras. Não temos ainda o número de treinadoras que eu gostaria que tivéssemos, somos muitas mais do que aquilo que éramos na década de 80 ou 90, mas efetivamente ainda há poucas a dedicarem-se ao alto rendimento. Não somos assim tantas quanto eu gostaria que fossemos.

Já fez aqui um pouco a análise da evolução do atletismo em Portugal. Consegue estender essa análise também ao desporto, globalmente?

Bom, eu penso que há modalidades que estão a evoluir muito rapidamente. Principalmente nos escalões de formação. Aliás, vimos os recentes Jogos Olímpicos da Juventude em que Portugal conseguiu excelentes resultados.

Agora, eu penso é que é importante não nos ficarmos por aí, os talentos estão identificados. Porque não é só apoiar os atletas quando eles já são finalistas olímpicos ou medalhados olímpicos. Eu penso que aí eles já não necessitam tanto dos apoios governamentais porque já têm os clubes, já têm as marcas desportivas, já auferem cachês dos meetings, mas sobretudo aqueles que ainda não conseguiram atingir esse patamar mas que têm qualidades para o atingir aí é que eles necessitam de efetivamente ser ajudados. Eu penso que temos em Portugal modalidades que começam agora até a ser olímpicas, que não eram olímpicas, que estão a ter excelentes resultados, precisam é de ser ajudadas, precisam de ser apoiadas e em algumas federações é preciso arrumar a casa.

Quem olha para o seu currículo da professora vê que prémios e distinções não lhe faltam. O que é que ainda tem para fazer?

O que é que ainda tenho para fazer? Eu costumo dizer que aquilo que me move é uma coisa por que eu luto, que sempre lutei e que corro o risco mais do que provável de terminar a minha carreira sem a conseguir, que é uma medalha olímpica. Efetivamente, como disse, já tive várias atletas que foram campeãs da Europa, campeãs do mundo, mas medalhadas olímpicas eu não tive. É o sonho que eu persigo. Sei que cada vez mais é difícil consegui-lo mas como diz o poeta: “O sonho comanda a vida.” Portanto, eu continuo a sonhar, continuo a lutar mesmo sabendo que cada vez mais é complicado e a percentagem vai diminuindo, mas é isso que me move ainda.

A sua carreira tem uma outra faceta, a faceta de política. É vereadora da Câmara Municipal de Braga.

O que é que a levou também a enveredar por aí?

Olhe, se quer que lhe diga nem eu sei bem. Eu nunca fui política. É óbvio, tenho a minha ideologia, sei aquilo que quero, mas quando me foi feito o convite fiquei completamente admirada. Não estava de todo à espera. A minha resposta foi de imediato: não! Não, porque não me estava a ver exercer um cargo político. O Dr. Ricardo Rio foi demasiado convincente e eu comecei a ver que efetivamente, e pelo menos em termos de desporto, na minha cidade ainda havia muito a fazer. E vi que depois de ter várias conversas com o Dr. Ricardo Rio e com um amigo meu que me acompanhou no meu percurso desportivo era capaz de mudar o paradigma desportivo da minha cidade e fazer algo que ainda não tinha sido feito, criar efetivamente programas desportivos e abrir o desporto para todos. Foi isso que me motivou, é esse o meu grande objetivo e penso que Braga nos últimos anos a nível de desporto tem evoluído significativamente.

A professora foi a cara da Braga Cidade Europeia do Desporto que recentemente recebeu a distinção da melhor cidade europeia de Desporto. Mais um prémio...

Mais um prémio, mas eu penso que este prémio não é meu. Eu sou o rosto da Cidade Europeia do Desporto mas esse prémio é um prémio do movimento associativo português e concretamente, mais especificamente, de Braga. Efetivamente, foi uma candidatura que começou por ser da Câmara Municipal mas que rapidamente nós fizemos questão que fosse uma candidatura de todos os bracarenses. O



“Unimo-nos todos num projeto comum que mexeu com Braga e que nos levou a ter esta distinção de ser a melhor cidade de desporto de 2018. Estou muito orgulhosa pelos bracarenses”

movimento associativo, os clubes, as associações, as universidades, o Regimento de Cavalaria, as escolas, as Juntas de Freguesia... unimo-nos todos num projeto comum que efetivamente mexeu com Braga e que nos levou a ter esta distinção de ser a melhor cidade de desporto de 2018. Estou muito orgulhosa pelos bracarenses.

O Comité Olímpico de Portugal decidiu distingui-la com a Ordem Olímpica Nacional. Que significado tem este prémio para si?

Olhe, tem um significado enorme. Não estava de todo à espera. Eu sempre pensei que esta Ordem Olímpica fosse oferecida a treinadores que treinaram atletas medalhados olímpicos e fiquei muito surpreendida. Efetivamente, em Jogos Olímpicos desde 1984 até 2016, penso que é um legado também importante. Fiquei muito honrada, muito grata por se terem lembrado de mim e com maiores responsabilidades. Com responsabilidades acrescidas para continuar a trabalhar em prol do Olimpismo.



JOGOS OLÍMPICOS DA JUVENTUDE MAIOR MISSÃO DE SEMPRE COM OS MELHORES RESULTADOS

Viajaram 41 atletas para a Argentina, incluindo duas equipas, e no regresso trouxeram cinco medalhas conquistadas no Andebol de praia, Futsal, Ginástica e Triatlo

A MAIOR MISSÃO DE PORTUGAL NOS JOGOS OLÍMPICOS DA JUVENTUDE (JOJ) foi também a que conseguiu os resultados mais expressivos. De Buenos Aires 2018 vieram cinco medalhas: duas de ouro para a seleção nacional feminina de Futsal e para Alexandre Montez, na estafeta mista de Triatlo; e três de prata, uma para Alexandre Montez, na prova individual de Triatlo, outra para a seleção nacional masculina de Andebol de praia, e outra ainda para o par misto Madalena Cavilhas-Manuel Candeias, na competição multidisciplinar de Ginástica.

Entre 6 e 18 de outubro, na Argentina, integraram a Missão Portuguesa, organizada pelo Comité Olímpico de Portugal e chefiada por Marco Alves, 41 atletas, entre os 15 e os 18 anos de idade, em representação de 12 modalidades diferentes, incluindo a novidade absoluta de estarem integradas duas equipas, o Andebol de praia masculino e o Futsal feminino.

Também em estreia na Missão Portuguesa participaram a Esgrima, Ginástica acrobática, Karaté e Patinagem, sendo que as três últimas modalidades e disciplinas fizeram pela primeira vez parte do programa desportivo dos JOJ. Atletismo, Canoagem, Ginástica (Artística, e de Trampolins), Natação, Pentatlo Moderno, Triatlo e Vela completaram a equipa nacional.

A Missão Portuguesa conseguiu, na Argentina, classificações até ao 6.º lugar em sete das 12 modalidades em que se fez representar: Andebol de praia, Atletismo, Canoagem, Futsal, Ginástica, Pentatlo Moderno e Triatlo. Nas modalidades coletivas, à exceção da Argentina, que não estava condicionada por limitação de quotas na constituição da sua missão, Portugal foi o único país apurado para duas finais de diferentes modalidades.

Nos JOJ 2018 estiveram envolvidas 32 modalidades, havendo 206 países representados. A competição

integrou 115 provas para o setor masculino, 104 para o setor feminino, 20 provas mistas e duas disputadas em regime open. Nestas 241 provas foram distribuídas 1 250 medalhas. A organização contou com a colaboração de 8 000 voluntários.

Buenos Aires 2018 celebrou a paridade, tendo sido o primeiro evento olímpico em que o número de atletas femininos foi igual ao masculino: 1 999 em cada género. Na Missão Portuguesa, em 41 atletas, participaram 20 do género feminino e 21 do género masculino.

Paralelamente, estes JOJ desenvolveram um projeto educativo muito significativo, acentuando a importância dos valores do desporto e do Olimpismo na formação dos jovens atletas.

A cerimónia de abertura de Buenos Aires 2018 – a primeira realizada em espaço aberto, fora de uma instalação desportiva – foi presenciada por cerca de 200 mil pessoas. Foram acreditados para os JOJ 1 200 jornalistas.



A seleção de Futsal feminino no pódio; César Soares, 5.º em Canoagem; Eduardo Oliveira, 5.º em Pentatlo Moderno; e a entusiástica recepção da Missão no Aeroporto de Lisboa

RESULTADOS FINAIS

ANDEBOL DE PRAIA	Portugal, seleção masculina – 2.º, medalha de prata
ATLETISMO	100m – Beatriz Andrade , 15.ª (1.ª corrida, 15.ª, 12,46; 2.ª corrida, 15.ª, 12,06) 400m – Ana Costa , 17.ª (1.ª corrida, 14.ª, 57,58; 2.ª corrida, 18.ª, 58,72) 800m – João Peixoto , 18.º (1.ª corrida, 21.º, 1.56,93; 2.ª corrida, 20.º, 1.58,46) 2.000m obstáculos – Bárbara Neiva , 12.ª (6.55,69) Corta-mato – Bárbara Neiva , 48.ª (15,28) 2.000m obstáculos+corta-mato – Bárbara Neiva , 14.ª (1.ª corrida, 12.ª; 2.ª corrida, 16.ª) 2.000m obstáculos – Etson Barros , 14.º (6.03,72) Corta-mato – Etson Barros , 30.º (12,33) 2.000m obstáculos+corta-mato – Etson Barros , 13.º (1.ª corrida, 14.º; 2.ª corrida, 11.º) Salto com vara – João Pedro Buaró , 6.º (1.º concurso, 6.º, 4,85m+2.º concurso, 7.º, 4,82m)
CANOAGEM	Sprint C1 – César Soares , 5.º Slalom com obstáculos C1 – César Soares , desqualificado
ESGRIMA	Florete – António Charréu , 11.º
FUTSAL	Portugal, seleção feminina – 1.º, medalha de ouro
GINÁSTICA	Acrobática, pares mistos – Madalena Cavilhas-Manuel Candeias , 6.º (27.190) Artística, All around – Beatriz Cardoso , 25.ª, 45.132 (Saltos, 12.ª, 13.066; Paralelas assimétricas, 21.ª, 11.100; Trave, 32.ª, 9.766; Slalom, 28.ª, 11.200) Trampolins – Ruben Tavares , 6.º (56.510) Evento multidisciplinar – Madalena Cavilhas-Manuel Candeias (integrados no Team Max Whitlock), 2.º, medalha de prata – Beatriz Cardoso (integrada no Team Dong Dong), 5.ª – Ruben Tavares (integrado no Team Alina Kabaeva), 6.º
KARATÉ	Kumite, -53kg – Tânia Barros – 7.ª
NATAÇÃO	200m livres – Alexandra Frazão , 31.ª (2.09,22) 400m livres – Alexandra Frazão , 23.ª (4.27,00) 800m livres – Alexandra Frazão , 18.ª (9.05,25) 200m livres – Filipe Santo , 31.º (1.55,81) 400m livres – José Lopes , 15.º (3.56,10) 800m livres – José Lopes , 9.º (8.09,43) – Filipe Santo , 23.º (8.24,48) 50m bruços – Raquel Pereira , 22.ª (33,23) 100m bruços – Raquel Pereira , 27.ª (1.12,13) 200m bruços – Raquel Pereira , 16.ª (2.33,07) 200m estilos – José Lopes , 9.º (2.04,64)
PATINAGEM	Velocidade, Combinado – Carolina Ferreira , 8.ª (Sprint 500m, 6.ª; Sprint 1.000m, 7.ª; 5.000m a eliminar, 9.ª)
PENTATLO MODERNO	Prova individual – Eduardo Oliveira , 5.º, 1.128 (Natação, 15.º, 284; Esgrima, 11.º, 213; Laser-Run, 1.º, 631) Estafeta internacional mista – Eduardo Oliveira-Nikita Mawhirt (Austrália), 19.º, 1.043 (Natação, 17.º, 299; Esgrima, 21.º, 175; Laser-Run, 14.º, 569)
TRIATLO	Prova individual – Alexandre Montez , 2.º, medalha de prata Prova individual – Inês Rico , 22.ª Estafeta mista internacional – Alexandre Montez (integrado na equipa Europa 1), 1.º, medalha de ouro – Inês Rico (integrada na equipa Europa 6), 5.ª
VELA	Techno 293+ – João Abreu , 16.º (155 pontos)

ALEXANDRE MONTEZ "É o resultado do esforço e da dedicação"

Alexandre Montez abriu caminho, entre a Missão Portuguesa, até ao pódio. E até lá subiu duas vezes. A primeira para receber a medalha de prata na prova individual e a segunda para ficar com o ouro da estafeta mista internacional, na qual participou integrado na equipa Europa 1, ao lado do italiano Alessio Crociani, da suíça Anja Weber e da dinamarquesa Sif Bendix Madsen. "A conquista destas medalhas é resultado do esforço e da dedicação ao longo destes anos de Triatlo, que já são cinco", sublinhou o atleta de Alcanede, encantado com a sua presença em Buenos Aires 2018: "A participação nos Jogos Olímpicos da Juventude trouxe uma ótima experiência para a minha vida. Espero que venham muitas mais parecidas com esta."

FIFÓ

“Queríamos uma medalha e sabíamos qual a cor que interessava”

A jovem Ana Sofia Gonçalves, conhecida no mundo do Futsal por Fifó, foi destacada como uma das desportistas mais em destaque nos JOJ, depois de Portugal ter subido ao pódio para receber a medalha de ouro e ouvir o hino nacional. Autora de 21 golos, Fifó chegou a ser apelidada de “máquina goleadora.”

Apesar do seu protagonismo, Fifó falou sempre no coletivo português. “Estamos todas muito felizes por termos conseguido o objetivo a que nos propusemos. Há três anos que

trabalhávamos juntas para isto. Queríamos trazer uma medalha para Portugal e sabíamos qual era a cor que nos interessava. Sabemos que vai ajudar o futsal feminino a evoluir e a ser cada vez mais reconhecido.”

A experiência na Argentina colocou novos desafios a Portugal, todos ultrapassados. “Estas competições são diferentes de todas as outras. Temos mais adversidades, por serem num país muito diferente do nosso. Temos de nos ambientar ao clima, à comida, às horas, mas,

apesar de tudo, conseguimos responder bem”, concluiu Fifó.

A capitã de equipa, Telma Pereira, destacou o alcance do resultado conseguido pelas jovens portuguesas: “Tem um significado muito grande, a conquista da medalha, porque já sonhávamos com ela há três anos, desde que soubemos que podíamos ir aos Jogos Olímpicos da Juventude. É um sonho tornado realidade, um orgulho enorme para cada uma de nós.”





MADALENA CAVILHAS-MANUEL CANDEIAS “Houve muitas emoções fortes”

O par misto de Madalena Cavilhas-Manuel Candeias integrou nos JOJ a equipa Max Whitlock e conquistou a medalha de prata na prova multidisciplinar de Ginástica. Os atletas portugueses participaram na disciplina de Ginástica Acrobática e subiram ao pódio.

“É a recompensa de todo o trabalho que tivemos para esta grande prova. Temos gasto muito tempo da nossa vida a treinar”, referiu Manuel Candeias. Já Madalena Cavilhas resumiu o resultado obtido numa expressão já clássica em desporto: “Muito trabalho, dedicação, suor.”

Os dois jovens portugueses confessaram ter ganho mais do que a medalha, em Buenos Aires 2018: “Muita experiência no âmbito da competição, porque esta prova é aquela que tem mais pressão e se aguentamos é bom sinal. Houve muitas emoções fortes”, explicou Manuel Candeias, enquanto Madalena Cavilhas sublinhou como ficou mais rica com a “nova experiência”, que lhe permitiu ter mais “amigos e muita felicidade.”



NUNO ALMEIDA “Medalha histórica”

Os últimos aperfeiçoamentos da seleção nacional masculina de Andebol de praia foram feitos em Espinho. De lá os jovens portugueses viajaram para a Argentina compenetrados no objetivo de passaram a primeira fase da competição. O que foi conseguido com a distinção alcançada na “main round” e uma medalha de prata histórica, a primeira de uma equipa coletiva de jovens desportistas portugueses.

“Esta medalha foi muito importante para o Andebol de praia, porque é uma modalidade que precisa de ser mais valorizada”, defendeu o capitão de equipa, Nuno Almeida, encantado com o ambiente encontrado nos JOJ: “Muita alegria, uma excelente experiência.”

MARCO ALVES “Balanço extremamente positivo”

A chefia da Missão em Buenos Aires 2018 foi da responsabilidade de Marco Alves, diretor do Departamento de Missões e Preparação Olímpica do Comité Olímpico de Portugal, que fez um “balanço extremamente positivo” da presença portuguesa nos Jogos Olímpicos da Juventude. Na sua análise, Marco Alves focou-se em dois planos. “Do ponto de vista dos resultados, iniciámos muito bem o Triatlo, com o Alexandre a conquistar duas medalhas, um feito inédito, e fechámos com chave de ouro, com o Futsal a conquistar o ouro e a fazer com que a Portuguesa tocasse em Buenos Aires. Durante o evento, também por via da participação da Ginástica acrobática nas equipas multinacionais, a Madalena e o Manuel conseguiram a prata, assim como a seleção masculina de Andebol de praia.”



Noutro plano, o chefe da Missão, projetou o valor que a participação pode ter na carreira dos atletas: “A intenção com que se prepararam para os Jogos Olímpicos da Juventude, as vivências que tiveram, o facto de terem estado na Aldeia Olímpica, de terem convivido entre si e com os melhores atletas das suas modalidades são um impulso para uma eventual participação nos Jogos Olímpicos.”



Missão foi recebida na Embaixada de Portugal na Argentina

De Nanjing 2014 e Singapura 2010 tinham chegado sete medalhas

Antes desta 3.ª edição dos JOJ de verão, Portugal esteve em Nanjing 2014, com 21 atletas de 10 modalidades distintas, tendo sido alcançadas duas medalhas de ouro, uma de prata e uma de bronze. Maria Miguéis Teixeira e Maria Siderot conquistaram o ouro em provas de equipas (no Pentatlo Moderno e Judo, respetivamente); a medalha de prata foi ganha por Rodolfo Pires na Vela; e Pedro Ferreira alcançou o bronze na prova masculina de Ginástica de trampolins.

Em Singapura 2010, na primeira edição dos JOJ de verão, Portugal apresentou-se com 19 atletas de 10 modalidades. Foram conquistadas três medalhas: Miguel Fernandes – ouro (Triatlo Equipas); Mário Silva – prata (Taekwondo -63 Kg); e Ana Rodrigues – bronze (Natação – 50m bruços).



África acolhe JOJ em Dakar 2022

A quarta edição dos Jogos Olímpicos da Juventude (JOJ) será realizada em Dakar, Senegal, no verão de 2022. A decisão foi tomada por unanimidade durante a sessão do Comité Olímpico Internacional (COI) que teve lugar em Buenos Aires, Argentina. Será a primeira vez que os JOJ acontecem em África.

A candidatura de Dakar 2022 apresentou “um projeto visionário, ambicioso e tecnicamente sólido, que aborda os objetivos de longo prazo do país”, segundo foi defendido na sessão do COI. O presidente do COI, Thomas Bach, disse: “A África está unida, no apoio ao Senegal para sediar os Jogos Olímpicos da Juventude em 2022. Com uma população jovem e paixão pelo desporto, chegou a hora de África, é hora do Senegal”.

QUINTO CLASSIFICADO NO CAMPEONATO DO MUNDO DE KARATÉ, em Madrid, Espanha, Filipe Reis (+84kg) alcançou um resultado de referência que lhe permite estar alinhado com os objetivos traçados para 2018. Aos 27 anos, tem pela frente um programa desportivo pontuado por muitos desafios.

“Foi um resultado importante, porque significa também a minha entrada no Programa de Preparação

Reis já estabeleceu metas. “Sempre tive esse sonho, poder estar presente nos Jogos Olímpicos. E sempre acreditei que o Karatê iria conseguir integrar o programa dos Jogos. Agora, só me vejo em Tóquio.”

A curto prazo, o karateca português visa a entrada nos dez melhores do ranking, para, em 2020, no torneio final, em Paris, conseguir um dos três lugares que dão acesso à qualificação direta para os Jogos.

FILIPPE REIS

“Sempre acreditei que o Karatê iria integrar o programa dos Jogos”

Integrado no Programa de Preparação Olímpica Tóquio 2020, o karateca português trabalha com o objetivo da qualificação

Olímpica Tóquio 2020, o que me permitirá trabalhar de forma mais profissional e, penso eu, estar em igualdade de oportunidade com os restantes atletas.” A partir de agora, explica Filipe Reis, haverá “a possibilidade de fazer todas as provas do circuito mundial e isso traz imensas vantagens, como acumular mais pontos para o ranking.”

Licenciado em Economia, o karateca português trabalha na área da consultoria em articulação com a carreira desportiva. “O meu dia começa às seis da manhã. Trabalho das sete até às quatro da tarde, depois o resto do tempo é ocupado a treinar, no Centro de Alto Rendimento do Jamor e no meu clube, o Spartan Martial Arts”, em Rio de Mouro.

Filipe Reis integrou a primeira missão aos Jogos Europeus, em Baku 2015. “Foi uma boa primeira experiência no Movimento Olímpico. Fui o único atleta português a obter a qualificação, após o 5.º lugar no Campeonato da Europa. Não tinha a maturidade de agora e foi um pouco um choque, mas bastante positivo. Agora, vou tentar a qualificação e, acima de tudo, melhorar o resultado.” Depois do 7.º lugar alcançado no Azerbaijão, o objetivo para Minsk 2019 é mais ambicioso: “De momento só tenho em vista o pódio.”

Seguem-se, em 2020, os Jogos Olímpicos de Tóquio, onde o Karatê fará a sua estreia, e Filipe



SÍLVIA SAIOTE

“TRABALHO PARA MELHORAR O DESPORTO NACIONAL”

Multimedalhada em competições internacionais de Ginástica de trampolins, é atualmente a coordenadora do Gabinete Olímpico do Sporting, sem desistir de uma carreira verdadeiramente dual, seja à secretária, seja no ginásio



SÍLVIA SAIOTE DÁ, ATUALMENTE, A CARA PELO GABINETE OLÍMPICO DO SPORTING. Atrás de si tem um currículo desportivo no qual reluzem medalhas de ouro, prata e bronze conquistadas em campeonatos do Mundo e da Europa, de Ginástica de trampolins, sobretudo na disciplina de duplo mini-trampolim. Aos 30 anos, tem uma carreira verdadeiramente dual.

“Quando terminei a licenciatura vim para Lisboa treinar no Lisboa Ginásio Clube, e mais tarde no Sporting Clube de Portugal. Fiz o mestrado em gestão e apliquei um sistema de gestão de performance às modalidades do Sporting. Recebi um convite da anterior direção para inaugurar o Gabinete Olímpico, integrando também a área comercial, de modo a conseguir um maior apoio para as modalidades. Para mim, foi a cereja no topo do bolo.”

Nesta fase da sua vida, Sílvia Saiote divide-se em duas frentes muito exigentes, apesar dos resultados desportivos não terem correspondido ao que esperava, por razões que os atletas não controlam. “Ainda não terminei a minha carreira desportiva, mas, com a idade que tenho, chegou o momento em que há muitas lesões. E este foi o primeiro ano, em 12, em que não consegui marcar pontos para a equipa nacional. Se não tivesse a parte profissional seria muito mais difícil lidar com as frustrações da parte desportiva, de não ter conseguido pontuar para a seleção nacional ao fim de tanto tempo.”

As diferenças que a coordenadora do Gabinete Olímpico do Sporting encontra na comparação das condições de trabalho de algumas competidoras de outros países são grandes. “Não é possível no nível atual, em termos desportivos, estar em patamares tão elevados se não nos focarmos 500 por cento. Essa é a realidade portuguesa, que não é a realidade internacional, onde os atletas apenas se dedicam à carreira desportiva. Aqui todos balanceamos. Há muitos casos de médicos, gestores,

advogados que têm também a parte desportiva. Eu não desisto, porque acredito que ainda não terminei tudo o que tinha a fazer.”

Ginástica é exatamente o que Sílvia Saiote tem de fazer mesmo antes de chegar ao treino no trampolim. “Tenho a sorte de trabalhar num clube desportivo e estar rodeada de pessoas seja da parte da administração, seja da parte operacional, que compreendem que eu tenha esta carreira dual. À hora de almoço consigo treinar, se o meu treinador tiver disponibilidade para sair do banco e ir dar treino. Ao fim do dia, quando toda a gente vai para casa, eu continuo porque vou para o meu segundo treino. Este é o meu dia-a-dia. Sair de casa às 8 e meia e voltar às 9 e meia”, explica.

Desde sempre que Sílvia Saiote se habituou a trabalhar num quadro de dificuldades, como explicou à OLIMPO: “Até aos 21 anos, na Associação Académica de Espinho, eu cosia a lona do trampolim e chovia no trampolim. Quando as minhas colegas já treinavam oito horas por dia, eu não podia, porque estava frio, apesar de o clube nos dar tudo o que podia dar numa pequena cidade. Mas era difícil aplicar-me no trampolim olímpico, daí ter-me mudado para Lisboa assim que acabei o curso superior, para poder treinar com outras condições.”

Líder do Gabinete Olímpico do Sporting, que agrupa mais de 70 atletas, de dez modalidades distintas, Sílvia Saiote encontra novas formas de motivação para trabalhar. “Já contribuí com medalhas, continuo a contribuir nos treinos com os meus colegas – o Diogo Ganchinho foi campeão da Europa -, o Diogo Abreu, o Pedro Ferreira são referências. Criámos o Gabinete Olímpico e criámos condições para que os atletas possam estar focados nas suas modalidades. Estou a trabalhar para melhorar o desporto nacional, é nisso que acredito”, conclui.

DINA PEDRO

“O MEU OBJETIVO FOI SER SEMPRE CADA VEZ MELHOR”

Conhecida como Dinamite, a atual selecionadora nacional de Muaythai tem enquanto praticante um currículo rico. Hoje, a maior satisfação que pode ter é ajudar os seus atletas a realizarem os seus sonhos



É conhecida por Dinamite. De onde é que vem o nome?

Dinamite surge num combate em Espanha, onde há um treinador que diz: “Ela não é Dina, é Dinamite.” A partir daí, achámos piada ao trocadilho do nome com o dinamite explosivo e o nome ficou.

A Dina, Dinamite, é uma multicampeã enquanto praticante de Muaythai: campeã da Europa, campeã do Mundo... Como é que construiu esse currículo?

Com muito esforço. O meu objetivo foi sempre ser cada vez melhor, nunca quis ser melhor que ninguém, mas quis sempre superar-me todos os dias. Queria sempre mais e mais e mais, e acho que foi isso que me fez alcançar o que alcancei.

Qual foi o expoente máximo, aquele dia em que achou que bateu no teto?

Para um atleta é difícil, nós enquanto atletas nunca conseguimos sentir esse dia, achamos sempre que conseguimos um bocadinho mais. Depois de terminar a carreira fazemos uma reflexão e pensamos que naquele momento estava no ponto máximo, e acho que foi na altura que ganhei o título mundial em Itália. Consegui consagrar-me campeã do mundo com uma atleta muito difícil, num evento de topo e tenho a noção agora, de fora, de perceber que esse foi um dos momentos altos na minha carreira.

A Dina tinha duas referências: Rosa Mota e Ticha Penicheiro. Porquê?

Porque são duas mulheres portuguesas, conhecidas no mundo e referências na modalidade delas como tops mundiais. E esse era um dos meus objetivos: ser top mundial. Quando era miúda fiz atletismo e a Rosa Mota – acho que tinha 8 anos - deu-me um troféu. E só de ela me estar a dar um troféu eu já estava a chorar, porque acompanhava as

corridas dela na RTP2. Mais tarde joguei basquetebol e a Ticha Penicheiro era a minha referência.

Conseguiu ser a Rosa Mota do Muaythai em Portugal?

Não sei, em Portugal, se calhar, sim. Tenho pena da modalidade ser ainda pouco conhecida. É uma modalidade muito interessante e pouco conhecida. Luto todos os dias para que isso melhore. A minha mãe dizia muito: “Deixa isso, que isso ninguém conhece. Não vale a pena.” E eu dizia que pelo menos ia tentar desbravar mato para aqueles que viessem a seguir terem o caminho mais livre.

O que é que falta fazer para trazer mais pessoas, mais jovens sobretudo, para o Muaythai?

Acho que neste momento estamos numa boa fase do Muaythai em Portugal e acho que as pessoas finalmente entenderam que é um desporto, não são duas pessoas à pancada em cima do ringue. Acho que havia muito esse preconceito que o Muaythai era para pessoas violentas.

A Dina foi uma praticante de referência, uma campeã. Como é que decide depois dar o salto para o treino, para ser treinadora?

Eu enquanto atleta já dava uns treinos, mais ou menos na brincadeira, para ganhar uns trocos. Para poder ser atleta, não é? Para conseguir dedicar mais tempo ao treino, não podia ter um trabalho das 9 às 5, que ainda tive. Mas depois consegui começar a dar uns treinos e com isso sobreviver enquanto atleta. Entretanto, comecei a ter alguns atletas que já começavam a querer competir, outros a competir e a ter talento e percebi que não conseguia fazer tudo bem a 100%. Já não conseguia ser atleta a 100%, porque estava a dar treinos, e não conseguia ser treinadora a 100%, porque também treinava e havia ali uma grande divisão. Como não gosto de fazer as coisas por metade nesse ano decidi que ia

ser o meu último combate - em 2007 - e que ia passar a ser só treinadora. Nesse mesmo ano o meu último combate foi em maio, e no final do ano ganhei o prémio de melhor treinadora do ano, acho que foi uma boa decisão.

Bons resultados internacionais não têm faltado...

Começamos a ser respeitados, mesmo na Federação Internacional, como sendo um país a ter em conta no Muaythai. Isso para mim é extremamente gratificante.

O Muaythai esteve nos Jogos Mundiais com a Dina, como selecionadora. Tem a ambição de chegar aos Jogos Olímpicos?

Sim, essa é uma das grandes ambições do Muaythai. Se tudo correr bem será modalidade de apresentação em 2024 e em 2028 passamos a modalidade olímpica. Essa é a grande ambição, é para isso que trabalhamos neste momento, na seleção. Estamos a trabalhar muito com os juniores, que serão os futuros atletas olímpicos, há um grande investimento da parte da Federação nesse trabalho em ter atletas e temos tido excelentes resultados nos juniores. Mesmo na Seleção A começamos a ter cada vez mais atletas mais novos, porque o objetivo é trabalhá-los a longo prazo para essa altura.

Está a ver mais dinamites no Muaythai português?

Temos novos talentos, miúdos que realmente querem ir mais longe, que sonham. Pelo menos parece-me que nos próximos 10 anos vamos ter uma grande fase de campeões, vamos ser um dos países com referências no Muaythai.

Quais são as referências atuais?

Nós, neste momento, temos alguns dos melhores da Europa: o Diogo Calado, o Rui Botelho, a Maria Lobo, e depois temos alguns miúdos novos que estão a surgir que são juniores e que já tiveram excelentes resultados como a Joana Alves e o Diogo Trindade. São miúdos que começam a fazer um excelente caminho e que, se não se perderem, serão futuras estrelas no Muaythai.

Fora do Muaythai, acha que devia ser mais reconhecida?

Não sei, eu nunca fiz nada pelo reconhecimento, faço muitas coisas pelo que gosto, pelo que me dá gozo, poder ajudar algumas pessoas a realizar alguns sonhos. Essa é uma das coisas que me dá mais gozo. Se isso é reconhecido ou não em termos gerais não me interessa, desde que as pessoas que estão próximas o reconheçam isso para mim é o grande troféu.

“Parece-me que nos próximos 10 anos vamos ter uma grande fase de campeões, vamos ser um dos países com referências no Muaythai”





JOÃO BRENHA

Estar na Aldeia Olímpica com os melhores atletas do mundo, de todas as modalidades, foi marcante. Estava onde sonhei estar!

A MINHA PARTICIPAÇÃO, em conjunto com o Miguel Maia, na competição rainha do desporto mundial, teve início em 1996, nos Jogos do Centenário, em Atlanta. Seria a estreia do Vólei de Praia neste evento e ao tomarmos conhecimento deste facto logo veio o sonho olímpico que acompanha todos os desportistas, sem exceção, independentemente do seu nível de desempenho. Nós não escapámos à regra e no ano de apuramento tornámos esse sonho uma realidade, conseguindo a classificação através de um confortável 12.º lugar (apuravam-se 24). Chegada a hora da partida para Atlanta, tudo era fascinante. O ambiente olímpico num país como os Estados Unidos, onde existe uma cultura desportiva, era fantástico! Estar na Aldeia Olímpica com os melhores atletas do mundo, de todas as modalidades, foi marcante. Estava onde sonhei estar!

E lá teve início o Torneio Olímpico de Vólei de Praia. Tínhamos como objetivo ficar a meio da tabela. O primeiro jogo foi de ansiedade, normal e natural para qualquer atleta de alta competição.



JOGOS OLÍMPICOS, QUE SAUDADE!

Vencemos e partimos para o 2.º jogo contra uma dupla americana com a qual tínhamos um registo só de derrotas. Perdemos e não mais poderíamos repetir esse resultado sob pena de sairmos da competição. A partir desse momento começou a nossa escalada rumo à luta pelas medalhas. Fomos ultrapassando adversários com os quais tínhamos sempre perdido em jogos do circuito mundial. Fomos tendo notícias de que em Portugal vivia-se a nossa participação de uma forma tão eloquente! Os telejornais abriam com notícias nossas. As pessoas na praia praticavam mais Vólei e uns eram o João e outros o Miguel. Imagine-se que até um jogo nosso foi relatado para uma rádio nacional, por um membro da comitiva, via telemóvel! Nem nos meus melhores sonhos o que estava a acontecer seria possível.

De degrau em degrau, chegámos à decisão das medalhas. Lembro-me de ter dormido pouco no dia em que conseguimos o apuramento para as meias-finais. Foi um turbilhão de emoções! Estávamos muito perto do sonho olímpico! De 4 duplas, 3 conquistariam medalha. O confronto das meias-finais foi marcado por uma superioridade nossa até muito perto do final. Perdemos o jogo nas vantagens (16-14). Foi dramático. Tínhamos a consciência que se tinha escapado uma grande oportunidade. Havia ainda o bronze para lutar. Infelizmente voltámos a perder e ficamos com o lugar que, depois de alcançarmos as meias-finais, ninguém quer... o 4.º.

Estes Jogos marcaram-me de uma forma única que não me importaria de viver tudo novamente! Acabo como comecei: que saudade!

Conhecido das grandes audiências pela sua participação em programas televisivos ligados ao futebol, é um empresário ligado à moda que defende que a imagem dos atletas, materializada nos trajes olímpicos, tem muita a fazer por Portugal

MANUEL SERRÃO

“O MEU JOELHO DIREITO MANDOU-ME PARA O GOLFE”



Que relação tem com o desporto? É ativo ou contemplativo?

Sempre ativo, desde muito novo. Comecei no minibásquete no CDUP, depois basquete no FC Porto, onde fui campeão nacional em iniciados, depois futebol e futsal, ténis, squash e esqui. Também fiz muita natação e depois o meu joelho direito mandou-me para o golfe, onde estou como peixe na água, ou melhor, como toupeira em relvado bom.

É sensível à mensagem de que o desporto faz parte de um modo de vida saudável?

Mais do que sensível, hipersensibilizado e totalmente de acordo. Praticar desporto faz bem à saúde física, mas igualmente e, em alguns casos, sobretudo à saúde mental.

Quais são para si os momentos mais sugestivos da história dos Jogos Olímpicos?

Perdoe-se o nacionalismo, mas são os momentos ligados às grandes vitórias portuguesas os que mais recorde e mais me emocionaram. Carlos Lopes e Fernando Mamede, Rosa Mota e Fernanda Ribeiro, mais recentemente Nelson Évora e Obikwelu proporcionaram-me imagens e sensações inolvidáveis.

Estando ligado à moda, como avalia as tendências percebidas nos trajes olímpicos?

Acho que a imagem dos atletas e da equipa olímpica portuguesa pode fazer muito pelo “upgrade” da imagem global de Portugal. No caso dos trajes olímpicos há uma oportunidade séria para mais uma ação inteligente de promoção mundial do “savoir faire” da indústria têxtil e vestuário nacional, sem esquecer da montra que pode constituir para os criadores nacionais da área.

Alguma vez se projetou na identidade de um grande campeão?

Não tenho ideia, mas a Rosa Mota, pela sua humildade, e a Fernanda Ribeiro, pela sua alma de Dragão, seriam sempre as principais candidatas.

Como observa a glória que é dispensada aos vencedores e o tratamento dado aos vencidos?

No desporto olímpico é fundamental saber ganhar e saber perder. Quando é assim a imensa glória devida aos vencedores faz todo o sentido e o tratamento dispensado aos vencidos sempre se pautará por uma dignidade que não compensará a derrota, mas pode atenuar as suas maiores consequências.

O desporto é um lugar de união?

Devia ser e quando não é a desunião ou o conflito nunca se apoiam em nenhuma razão atendível. Agora convém não confundir falta de união com competição e rivalidade saudável que são inerentes à competitividade no desporto. Sobretudo nas modalidades coletivas.



JANEIRO

9 a 27 ANDEBOL

Campeonato do mundo (masculino), Alemanha e Dinamarca

10 a 12 CORFEBOL

Taça da Europa, Kortrijk, Bélgica

14 a 27 TÊNIS

Open da Austrália, Melbourne, Austrália

15 a 20 CICLISMO

Tour Down Under, Austrália

17 a 20 EQUESTRE

Taça do Mundo, Leipzig, Alemanha

23 a 29 X GAMES DE INVERNO

Aspen, EUA

25 a 27 KARATÉ

Premier League, Paris, França

27-3 (fevereiro) VELA

Taça do Mundo, Miami, EUA

25 a 27 JUDO

Grand Prix de Tel Aviv, Israel



FEVEREIRO

2 e 3 CICLISMO

Campeonato Mundial de CycloCross, Bogense, Dinamarca

8 a 10 KARATÉ

Campeonato Europeu de Cadetes e Sub-21, Aalborg, Dinamarca

9 e 10 TRIATLO

Taça do Mundo, Cidade do Cabo, África do Sul

9 e 10 JUDO

Grand Prix de Paris, França

9 a 16 FESTIVAL OLÍMPICO EUROPEU

DA JUVENTUDE DE INVERNO

Sarajevo e East Sarajevo, Bósnia e Herzegovina

13 a 17 BADMINTON

Campeonato Europeu de Equipas Mistas, Copenhaga, Dinamarca

15 a 17 FUTSAL

Campeonato da Europa (feminino), Gondomar, Portugal

15 a 17 KARATÉ

Premier League, Dubai, Emirados Árabes Unidos

21 a 24 GOLFE

Campeonato do Mundo, Naucalpan, México

22 a 24 JUDO

Grand Prix de Dusseldorf, Alemanha

24-2 (março) CICLISMO

Volta a Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos

27-3 (março) CICLISMO

Campeonato do Mundo de pista, Pruszkow, Polónia

MARÇO

2 a 12 UNIVERSÍADAS DE INVERNO

Krasnoyarsk, Rússia

3 ATLETISMO

Maratona de Tóquio, Japão

7 a 10 TÊNIS DE MESA

Campeonato Europeu Sub-21, Gondomar, Portugal

8 e 9 TRIATLO

World Series, Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos

8 a 10 JUDO

Grand Prix de Marraquexe, Marrocos

10 MOTOCICLISMO

Grand Prix do Qatar

10 a 17 CICLISMO

Paris-Nice, França

13 a 19 CICLISMO

Tirreno-Adriático, Itália

14 a 21 SPECIAL OLYMPICS DE VERÃO

Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos

15 a 17 JUDO

Grand Prix de Ekaterinburg, Rússia

16 e 17 TRIATLO

Taça do Mundo, Mooloolaba, Austrália

16 a 25 TIRO

Campeonato Europeu de 10m, Osijek, Croácia

23 CICLISMO

Milão-San Remo, Itália

23 e 24 PENTATLO MODERNO

Open Iberoamericano, Barcelona, Espanha

25 a 31 CICLISMO

Volta à Catalunha, Espanha

29 a 31 JUDO

Grand Prix de Tbilisi, Geórgia

30 ATLETISMO

Mundial de Corta-Mato, Aarhus, Dinamarca

30 e 31 TRIATLO

Taça do Mundo, Mooloolaba, Austrália

31 MOTOCICLISMO

Grand Prix da Argentina, Santiago del Estero

COSMOS
VIAGENS



SEMPRE PRESENTES NOS MAIORES EVENTOS DESPORTIVOS.

VÁ ATRÁS DO SEU ATLETA FAVORITO. VÁ APLAUDIR A SUA MODALIDADE. VÁ TORCER PELO SEU PAÍS. VÁ AOS JOGOS OLÍMPICOS. VÁ À FINAL. VÁ ASSISTIR À SUBIDA AO PÓDIO. VÁ SOZINHO. VÁ ACOMPANHADO. VÁ COM OS SEUS AMIGOS. GRITE, CHORE, RIA, CONGELE, PULE, VIBRE, APLAUDA, CANTE, CELEBRE, DESILUDA-SE, RIA DE NOVO.
MAS VÁ. COSMOS VIAGENS, VIAJAMOS JUNTOS.

Contacte-nos através comercial@cosmos-viagens.pt

Cosmos - Viagens e Turismo, S.A. todos os direitos reservados. RNAVT : 1945

cosmos-viagens.pt

Utiliza as **vantagens** **do Cartão COP** e **apoia os atletas** da tua Federação/Modalidade.

**PEDE JÁ O TEU CARTÃO ATRAVÉS
DA TUA FEDERAÇÃO.**



repsol.pt
comiteolimpicoportugal.pt

